

# O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS



LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRES - B.P. 95 - PARIS 11 - C.C.P. « O Salto » 56 2685 PARIS - MENSUEL - 0,8 DM - 0,8 FL - 10 FB - 1 F

## Editorial

### O Salto e o MOVIMENTO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

"O Salto"   a nossa principal arma no combate   ignorância e na cria o da União."

Como já anunci mos, nos dias 5 e 6 de Fevereiro, foi criado o Movimento dos trabalhadores Portugueses Emigrados, primeira etapa do glorioso caminho que nos levará   União dos trabalhadores portugueses emigrados.

#### A UNIÃO

Mas, o que   esta União, que desde o 1  número do nosso jornal vimos falando?

  no programa do MTPE, aprovado na 1  reunião inter-associativa, que encontramos pela primeira vez, uma defini o clara dessa União: "Uma Associa o a nível de toda a emigra o portuguesa que, além de ser a defensora intransigente dos interesses individuais, sociais e culturais dos trabalhadores portugueses emigrados, lutar  firmemente para cumprir a sua missão grandiosa: unir os trabalhadores portugueses emigrados com o resto do nosso povo, com base nas aspira es de todo o povo português".

#### A ETAPA ACTUAL

Hoje, os trabalhadores portugueses emigrados s  esporadicamente e localmente se encontram unidos entre eles. A fraqueza do movimento associativo, que só agora começa a dar os primeiros passos, e a falta de uma vontade colectiva frente aos problemas que se lhe põem são a causa principal disso, o que impede a imediata cria o da União.

No entanto,   possível, num espaço relativamente curto, criar a federa o das associa es de trabalhadores portugueses emigrados, unindo as associa es independentes dos bancos e consulados num largo movimento contra a ignorância.

Criar uma federa o, através da realiza o de actividades comuns e do debate   volta de uma proposta de programa comum,   a fun o do M.T.P.E.

Mas, o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados e, mais tarde, a Federa o dos Trabalhadores Portugueses Emigrados devem ter sempre em mente a meta a atingir e lutarem, desde já, no sentido de

(Continua na pág. 8)

#### SUPLEMENTO

O EXEMPLO DE CATARINA  
E A LUTA POPULAR EM PORTUGAL  
Pag. 6 e 7

ÚLTIMA HORA  
SEMANA PORTUGUESA  
NA HOLANDA  
Pag. 11

ESTE NÚMERO DE  
« O Salto »  
tem 12 páginas

## CAETANO NÃO   DIFERENTE DE SALAZAR

Estamos em 1972 e já lá v o quase quatro anos que o fascista Caetano ocupa o lugar que o ditador Salazar deixou vago, após a sua morte.

Quando os burgueses andavam atarefados a correr de um lado para outro, consultando, aqui e ali, os seus comparsas estrangeiros, reinou em certos meios políticos uma esperança de que a ditadura terrorista do capital, o fascismo, cairia com a morte do velho. Pobre ilusão!

Os burgueses, portugueses e estrangeiros, já sabiam como iriam continuar os negócios. As corridas que faziam não era   procura do novo homem que lhes fosse administrar os bens. O homem já estava escolhido. Tratava-se apenas, de o pôr ao corrente de novos planos e combinar com ele como se devia apresentar   popula o e, assim, melhor poderem explorar as massas trabalhadoras. O novo Salazar não podia ser senão Marcelo Caetano, ahnol fiel daquele, fascista desde tenra idade e já com uma longa folha de serviço: foi ele quem impulsionou a "Mocidade Portuguesa", organiza o fascista para a juventude; viajou pela Itália fascista de Mussolini e pela Alemanha nazi de Hitler, onde discursou, dando grandes louvores a estes criminosos regimes; foi ministro das colónias e reitor da universidade, e um grande "teórico" do regime fascista português. Era ele, no fundo, o braço direito de Salazar e os capitalistas, tanto nacionais como estrangeiros, viam nele o novo administrador dos seus negócios. Como se dizia atrás, a escolha estava feita por si.

#### Com Caetano a ditadura reforça-se

De acordo com os seus patrões, Caetano aparece ao povo português como o "homem cheio de boa vontade" que se dessem tempo, iria "resolver todos os problemas". Na televisão, aparece com um sorrisinho e palavras doces, para contrastar com o seu antecessor, que aparecia sempre carrancudo e ameaçador. Passeava-se pelos cafés e, diziam os fascistas, sempre da pessoal. No princípio não foi habitar para S. Bento e todos os dias ia no carro, que ele próprio conduzia, para o seu "escritório".

Com tudo isto, a imprensa, a rádio, a televisão, enfim, toda a maquinaria de propaganda da burguesia tentava enganar o povo português, esforçando-se por mostrar que Caetano não era o velho Salazar, sempre metido em S. Bento e que para ir a missa levava um batalhão de G.N.R. e uma centena de agentes da PIDE a protegê-lo.

Logo que o poleiro de S. Bento mudou de dono, a repressão começou a abater-se ainda com mais força: logo nos primeiros meses, Daniel Teixeira foi assassinado pela PIDE durante os interrogatórios a que foi sujeito em Caxias; passado pouco tempo, no Tribunal Plenário da Boa Hora, os carrascos fascistas condenam tr s militantes operários a penas de 15, 19 e 20 anos de prisão maior e medidas de segurança, entre os quais João Pulido Valente.

Caetano   anunciado como o grande liberalizador e o primeiro golpe   mudar o nome da PIDE. Mas, afinal o que mudou? Se a PIDE, no tempo de Salazar, torturava, perseguia, matava, será que agora não faz a mesma coisa?



Sim, a DGS, o novo nome,   a mesma coisa que a PIDE do tempo de Salazar. O decreto-lei n 49 401 de 19 de Novembro de 1969, que criou a DGS, diz no art. 3:

"São atribui es fundamentais da DGS:

...d) Efectuar a investiga o dos crimes contra a segurança do Estado, procedendo   instru o preparatória dos respectivos processos."

E o que significa "proceder   instru o preparatória dos respectivos processos"?   a tortura do sono e da estátua;   o espencamento e, por vezes, a morte.

No tempo de Salazar, milhares de anti-fascistas e militantes operários foram torturados e mortos nas prisões, ou na rua, como, por exemplo, Militão Ribeiro, Alfredo Dinis, Cândido Capil , Catarina Euf mia. No reinado de Caetano, a tortura do sono e da estátua continua. Durante muitos anos, os combatentes anti-fascistas eram enviados para o campo de concentra o de Taxrafal — o campo da morte len-

ta —, e muitos deles l  morreram. Este campo foi fechado devido   pressão do grande movimento de massas que reagiu vigorosamente contra este crime. Foi reaberto por Salazar para servir de prisão aos valorosos combatentes dos movimentos de liberta o das colónias. Pois continua aberto e o regime prisional   cada vez mais severo.

A repressão não abrandou: um camarada nosso que esteve há um mês em Portugal, contou-nos:

— Trabalhei 18 anos na margem sul do Tejo. Como não conseguia ganhar o suficiente, foi obrigado a emigrar. Já c  estou há 4 anos. Tenho ido a Portugal de férias e faz agora um mês que de l  vim. Acredita no que te digo: nada mudou. Calcula tu, qual não f i o meu espanto quando, ao visitar um velho amigo, soube, pelo seu filho, que ele tinha sido preso! O filho disse-me logo:

"Olhe, você tenha cuidado, isto da PIDE está cada vez pior. Se no tempo de Salazar não se podia abrir a boca, (Continua na pág. 8)

# PORQUÊ MAO ACEITOU RECEBER NIXON?

## Polémica

### A ÍNDIA invade e ocupa O PAQUISTÃO

#### Carta de um leitor

Caros amigos:

No último número do jornal "O Salto" havia um artigo com o qual eu não estou de acordo, embora ache que, no seu conjunto, o vosso jornal seja positivo. Acho que a análise feita pelo vosso correspondente não se coaduna com a realidade. O artigo a que eu me refiro intitula-se "A Índia invade e ocupa o Paquistão".

Já no título o vosso correspondente toma uma posição que não é internacionalista, pois não apoia a luta do povo do Bengala-Desh e o seu aliado nessa luta - a União Indiana. Sejamos realistas! A Índia não invadiu o Paquistão. Nem foi a Índia que provocou o conflito armado. Foi, sim, o Paquistão, com a violação sistemática das fronteiras da Índia, com o pretexto de que as forças bengalis partiam do território indiano. A Índia, país democrático, ajudou o povo do Bengala-Desh a libertar-se da ditadura fascista. É essa a posição internacionalista. Tal é a posição da gloriosa União Soviética, que apoiou a Índia nesta sua ajuda ao povo do Bengala-Desh.

É de lamentar a posição da China neste conflito que se põs contra as forças progressistas do mundo.

Todos devemos apoiar a ajuda desinteressada da Índia ao Bengala-Desh que é actualmente, uma nação livre e independente.

Embora neste capítulo eu não esteja de acordo com o vosso jornal, eu acho que todos nós, portugueses, devemos unir-nos para lutar pela democracia em Portugal e para acabar com a criminosa guerra colonial, exigindo do nosso governo que discuta com os verdadeiros representantes dos povos das colónias.

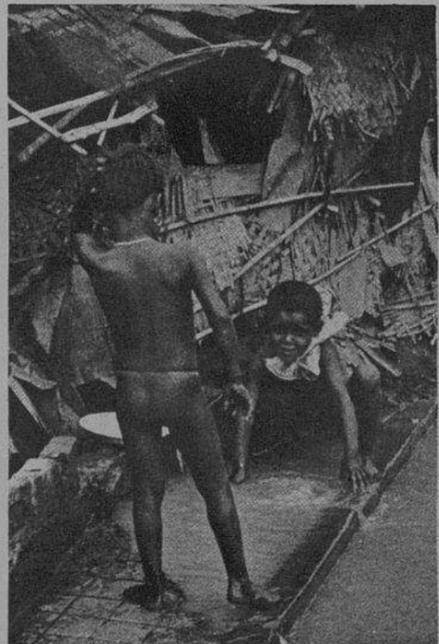
F.T.  
Saint-Denis

### Resposta de Mário Vieira

Nesta carta, sobre o artigo "A Índia invade e ocupa o Paquistão", o nosso leitor não parece estar bem esclarecido, não só sobre o conflito, mas também sobre a sua natureza. Se não, vejamos. O leitor diz-nos:

"A Índia, país democrático, ajudou o povo do Bengala-Desh a libertar-se da ditadura fascista. É essa a posição internacionalista. Tal é a posição da gloriosa União Soviética que apoiou a Índia nesta sua ajuda ao povo do Bengala-Desh."

Será uma posição internacionalista invadir um país vizinho para "libertar" o seu povo? Não é, pois a libertação de um povo deve ser feita por ele mesmo e sem interferências de terceiros. Os destinos de um povo devem ser tomados em mão por ele mes-



Fome na Índia

mo. Os destinos de um povo não devem ser ditados por terceiros.

Por outro lado, será a Índia um país democrático? A Índia é, neste momento, o país mais miserável do mundo. Os operários camponeses são impiedosamente explorados por uma casta de poucos milhares de capitalistas e grandes proprietários, que têm à sua frente a D. Gandhi, primeiro ministro da Índia. As prisões da D. Gandhi estão a abarrotar de operários e camponeses que se revoltam. Esta "democracia" é uma

Uma certa burguesia, ao saber que a China tinha aceitado receber Nixon, formulou uma série de acusações contra a República Popular da China.

A primeira das acusações que essa burguesia faz é que a China modificou a sua posição ao aceitar receber Nixon. Qualera a sua posição anterior?

Em 1949, pouco antes da proclamação da República Popular da China, ao formular a política externa deste país, Mao Tsetung disse:

"Estamos dispostos a negociar com qualquer governo estrangeiro o estabelecimento de relações diplomáticas na base dos princípios de igualdade, benefício recíproco e respeito mútuo à integridade territorial e à soberania, sempre que tal governo se disponha a romper as suas relações com os reaccionários chineses (Chang Kai-check e a sua camarilha), deixe de conspirar comeles ou de ajudá-los, e adopte uma atitude verdadeira e não hipócrita, de amizade para com a China Popular."

Em 1955, na conferência de Bandung, Chou En-lai, primeiro ministro da R.P. da China repetiu que para o estabelecimento de relações com os outros países era necessária a adopção dos 5 princípios de coexistência pacífica, que são:

- 1- Respeito mútuo da integridade territorial e da soberania
- 2- Não agressão mútua
- 3- Não ingerência mútua nos assuntos internos
- 4- Igualdade e benefícios recíprocos
- 5- Coexistência pacífica

Em 1968, os dirigentes da R.P. da China propuseram aos Estados Unidos o estabelecimento de relações com base na coexistência pacífica, mas o imperialismo americano rejeitou esta proposta.

Verificamos, assim, que a política da China, no que respeita às relações exteriores, foi invariável desde o aparecimento da República Popular até aos nossos dias.

Uma outra acusação que a mesma burguesia faz é que a China teria traído as lutas dos Povos da Indochina ao aceitar receber Nixon.

Pouco tempo antes da vinda de Nixon à China, o governo chinês, numa mensagem ao Partido do Trabalho do Vietnam do Norte, dizia:

"O povo chinês, como no passado, cumprirá firmemente a sua obrigação internacionalista: apoiará e ajudará, com todas as suas forças, o povo do Vietnam e os outros povos indochineses na sua guerra de resistência à agressão americana pela salvação nacional, e isto até à vitória total."

Por outro lado, Norodom Sihanouk, chefe de estado do Cambodja e dirigente de um dos povos que luta heroicamente contra a agressão imperialista americana na Indochina, afirmou, numa entrevista recente:

"As consequências da visita de Nixon a Pequim (capital da R.P. da China) não podem ser nefastas nem para os Povos da Indochina, nem para os outros povos do terceiro-mundo, pois a República Popular da China nunca trairá os interesses desses povos".

"O meu governo admite perfeitamente que o governo chinês acolha Nixon..."

Qual é pois a verdade? Vemos, por um lado, que a R.P. da China continua a apoiar totalmente a luta dos povos da Indochina e, por outro lado que esses povos continuam a depositar a máxima confiança nesse apoio e na ajuda do povo chinês.

### O que é a coexistência pacífica?

No mundo de hoje, ainda subsistem estruturas de Estado, isto é, existem vários Estados. No entanto, os povos de todo o mundo são amigos, isto é, o povo dos Estados Unidos é amigo do povo chinês, assim como o povo chinês é amigo do povo português. Para estreitar esses laços de amizade ainda se tem de passar pelos Estados, sendo para isso necessários o estabelecimento e a normalização das relações entre eles na base dos cinco princípios da coexistência pacífica.

O que é um Estado?

Na sociedade capitalista o Estado é o poder exercido pela classe dominante (a classe burguesa) e os meios que esta classe se dá para exercer esse poder. O Estado nasceu das contradições de classes existentes e das lutas que essas contradições provocam. Na sociedade capitalista actual, essas contradições nascem dos interesses diferentes e antagonicos das classes existentes. De um lado temos as classes burguesas (capitalistas, industriais, comerciantes, grandes proprietários) e do outro, temos as classes trabalhadoras (operários, camponeses, pescadores). As classes burguesas só podem viver da exploração das classes trabalhadoras, o que provoca lutas constantes entre essas classes. Para continuarem essa dominação e exploração, as classes burguesas têm necessi-

dade de todo um aparelho policial, judiciário e administrativo de repressão. É esta a única maneira delas poderem exercer o seu poder e a sua ditadura sobre as classes trabalhadoras. E são estas as estruturas de um Estado capitalista.

Depois da vitória do Socialismo em vários países, dois grupos de Estados se formam, com naturezas diferentes e que se vão opor continuamente. De um lado, o grupo de Estados Socialistas e Progressistas com a República Popular da China à sua frente, do outro, o grupo de Estados imperialistas e capitalistas que têm os Estados Unidos como chefe de fila.

A República Popular da China apoia e ajuda todos os povos, nações e países oprimidos na sua luta contra o imperialismo e pela independência nacional. Os Estados Unidos, por sua vez, opõem-se a esta luta, apoiando-se sempre nas forças anti-populares, provocando sempre guerras e actos de agressão.

Mas, a existência mesmo de um país socialista é algo absolutamente contrário à vontade dos imperialistas. Ainda que um país socialista adopte, firmemente, uma política exterior de paz, o imperialismo jamais desejará viver em paz com ele e sempre tratará de aproveitar todas as possibilidades e oportunidades para combatê-lo e, mesmo, para liquidá-lo.

Este estado de coisas provoca conflitos constantes entre o imperialismo e as nações progressistas, que só acabarão com a vitória completa de um dos campos, o campo das forças progressistas.

## O QUE É A CHINA?

### Os camponeses numa comuna popular contam a sua vida

A comuna popular de Ma Qiao (Ponte do Cavalo) está situada nos arredores de Shangai, uma das maiores cidades chinesas. Os camponeses desta comuna contam-nos a luta que tiveram de travar para que a terra fosse para quem a trabalha.

Antes da Libertação, em 1949, a maioria das terras pertencia a uma meia dúzia de grandes proprietários, sendo poucos os camponeses que possuíam um bocado de terra e, quando isso acontecia, eram obrigados a vendê-la ou a hipotecá-la.

Um dos camponeses conta:

"Logo após a libertação da nossa região, foram feitos preparativos para efectuar a Reforma Agrária. Para nós, tratava-se de abater o sistema feudal e a opressão dos senhores feudais. A Reforma Agrária devia ser tomada em mãos pelas massas camponesas, eram as massas que deviam desmascarar os grandes proprietários, eram elas que deviam tratar de fazer as contas de todos os seus crimes.

"Mas havia um tipo, chamado Liu Chau-chi (1) que tinha medo da acção das massas e queria que se fizesse uma "Reforma agrária pacífica", isto é, que se esperasse que os grandes proprietários, por eles mesmos, viessem entregar as terras aos cam-

(Continua na pág.10)

Estes conflitos podem ser locais, como é o caso das guerras de agressão do imperialismo americano no Vietnam, Laos e Cambodja, Coreia e das guerras de libertação como na Tailândia, Angola, Guiné, Moçambique, Golfo da Arábia, etc. Estes conflitos podem ser mundiais, como foi o caso da 1ª e 2ª guerras mundiais, que englobaram a maioria dos países.

Os países socialistas devem estar preparados e armados, não só para apoiarem as lutas populares que se travam por todo o mundo, mas também, para enfrentar o caso de uma nova guerra mundial. Assim fez a União Soviética antes da 2ª guerra mundial que se tinha preparado e bem armado para poder enfrentar e vencer o imperialismo nazi.

Mas, o facto da China e os países socialistas estarem preparados e armados, isso não quer dizer que eles vão invadir os Estados Unidos para libertar o povo desse país, da exploração que sofre. A libertação do Povo dos Estados Unidos deve ser feita por ele mesmo.

E, o que acontece com o povo dos Estados Unidos, acontece com todos os povos do mundo, isto é, a libertação de um povo só pode ser feita por ele mesmo.

No entanto, essa libertação não se pode fazer em todos os países ao mesmo tempo, pois as condições necessárias para ela se fazer não são iguais por toda a parte, variando de país para país. Assim, as forças populares de um dado país só podem a-

tacar a burguesia e vencê-la quando, nesse país, existirem ou forem criadas condições para o fazer. Essas condições são, por um lado, a força do movimento popular e, por outro, a fraqueza das forças da burguesia.

A existência de países socialistas permite às forças populares poderem contar com o seu apoio para as lutas de libertação. Os países socialistas (China, Albânia, etc.), são, actualmente, as bases de apoio das lutas de libertação.

Ao mesmo tempo que o imperialismo tenta liquidar os países socialistas, ele opõe-se de uma maneira encarniçada, à libertação dos povos, das nações e países oprimidos, pois, as matérias primas de que o imperialismo necessita e, os lucros que ele realiza vêm justamente da exploração dos povos, nações e países oprimidos.

Para que a República Popular da China continue a ser a principal base de apoio às lutas dos povos do mundo, ela necessita de ganhar tempo, pois assim, ela poderá melhor se preparar e reforçar, para a ajuda que ela terá de dar às lutas futuras de todos os povos, nações e países oprimidos.

### O que é o imperialismo americano?

O imperialismo americano é, na hora actual, o principal perigo e obstáculo para a paz mundial. Por toda a parte ele provoca guerras e comete actos de agressão.

Actualmente, o imperialismo americano, prossegue a sua criminosa guerra de agressão contra os povos da Indochina. Os seus aviões bombardeiam regularmente a República Democrática do Vietnam, queimando aldeias inteiras, matando milhares de pessoas. As tropas e a aviação americanas intervêm todos os dias no Vietnam do Sul, no Laos e no Cambodja, contra as populações destes países. O imperialismo americano ocupa militarmente a Tailândia, o Japão e vários outros países asiáticos, de cujas bases partem os aviões para os actos de agressão quotidianos contra os povos da região. Ele mantém uma frota de guerra de várias centenas de navios que, de norte a sul do Oceano Pacífico, cercam a República Popular da China e estão prontas a intervir em qualquer outro país da região para ajudar a reprimir os povos desses países.

O imperialismo americano ocupa militarmente a ilha chinesa de Taiwan (Formosa), desde a proclamação da República Popular apoia o reaccionário Chang Kai-check que em 1949 se foi refugiar nessa ilha com o que lhe restava das suas tropas. A partir dessa ilha, os Estados Unidos têm provocado desenvolvido actividades imperialistas contra o povo da China.

Em 1951, os Estados Unidos invadem a Coreia provocando, uma vez mais, uma guerra. O povo chinês respondeu a este acto de agressão, lutando de lado a lado com o povo coreano.

Na América Latina, o imperialismo americano é o principal suporte dos regimes fascistas no poder. Assim, no Brasil, ele ajuda directamente a junta militar, a reprimir brutalmente toda e qualquer manifestação do povo brasileiro. O mesmo acontece na Bolívia, na República Dominicana, no Haiti, etc. Contra os povos, nações e países que se opõem a este domínio, o imperialismo americano toma sanções, como se esses povos, nações e países não tivessem o direito de decidir, por eles mesmos, os seus destinos.

Na Europa, o imperialismo americano é o principal sustentáculo da OTAN, organização feita para oprimir os povos deste continente, e para ajudar os países, como Portugal, a continuarem a explorar e a oprimir os povos das colónias de África. Ele mantém bases militares em Portugal, Espanha, Grécia, Turquia, Alemanha, etc.

Na África, os Estados Unidos não só apoiam os colonialistas como também colaboram com os regimes racistas da África do Sul e da Rodésia.

Por toda a parte, os Estados Unidos pilham as matérias primas e exploram as forças de trabalho, fazendo lucros de milhões de contos por ano, deixando umas migalhas para os povos.

O imperialismo americano, ao mesmo tempo que utiliza o massacre e a pilhagem no estrangeiro, ele mata os brancos e negros do seu próprio país.

No entanto, se por toda a parte o imperialismo americano massacra, pilha e explora, também por toda a parte os povos, as nações e os países se levantam para acabar com este estado de coisas.

Assim, na Indochina, no resto da Ásia, na África e na América Latina, os povos resistem heróicamente, de armas na mão aos imperialistas americanos e seus lacaios. No resto do mundo, os países e nações oprimidas agrupam-se para enfrentar o imperialismo americano.

(Continua na pág.10)

# A PIDE TORTURA QUARENTA CABO-VERDEANOS

Segundo o jornal holandês "De Havenlo-ods" de 11-01-1972, 40 dos nossos compatriotas que trabalham na doca da Lisnave, encontram-se detidos nas célebres celas da prisão de Peniche (as celas são célebres porque, em contacto com o mar, cada 6 horas enchem-se de água, deixando apenas possibilidades de respirar).

Esses nossos compatriotas cometeram o crime de não quererem ser enganados. Diversos trabalhadores caboverdeanos foram contractados em Cabo Verde para virem trabalhar em Lisboa, na Lisnave, com um salário de 100 escudos diários. Chegados a Lisboa constataram amargamente que só recebiam 50 escudos diários, tendo-lhes sido dito que os outros 50 eram para despesas de escolaridade que receberiam. Apesar de não ter sido aquele o contrato, ainda assim, passados três meses verificaram que não havia nenhuma escola. Começaram então a comentar entre eles o estado da situação em que se encontravam. Mas o governo não se fez esperar para fazer uso do que lhe dá o direito de explorar-nos — a violência (embora o chefe português tenha, à propósito de Goa, cínicamente dito que o "uso da violência não cria direitos").

A PIDE irrompeu no seio dos trabalhadores levando 40 deles, alegando serem os inspiradores de não se sabe o quê, conduzindo-os às câmaras de tortura.

De "Nós Vida", publicação mensal da Associação Caboverdeana de Roterdão.

# A FARSA DE S. BENTO



## CONTINUA

Do nosso correspondente

Esta é a primeira reportagem que faço para "O Salto". Por isso, não quero deixar passar a oportunidade sem vos levar as minhas impressões sobre um dos factos que mais enchem as páginas dos jornais burgueses em Portugal. Trata-se da Assembleia Nacional, ou melhor, da "farsa de S. Bento".

## as "feras" que não mordem

Recomeçaram hoje os "trabalhos" da assembleia fascista que, pode dizer-se, foram muito "animados".

Na verdade, falou-se muito. Os jornais dizem que as "esquerdas" e as "direitas" fizeram intervenções valorosas e, como escreveu alguém que assistia aos "debates", "os diálogos estabelecidos agitaram a habitual serenidade do hemiciclo de S. Bento".

Com um ar grave e compenetrado do seu papel, Sá Carneiro, o deputado a quem os jornais fascistas dão o nome de "liberal" prepara-se para fazer uma comunicação. O burburinho habitual destas reuniões vai diminuindo, e eis que Sá Carneiro começa a falar: diz que o ano passado visitou o forte de Peniche e, muito recentemente, o de Caxias, tendo falado com alguns presos. O caso é, segundo ele, "de extrema gravidade". Refere-se também, às "buscas sem mandatos", "métodos de interrogatórios durante os quais não se admite a presença do advogado dos suspeitos pre-

# O Governo tenta acabar com as cooperativas

No dia 19 de Janeiro último, a Assembleia Nacional fascista aprovou um decreto-lei para reprimir as actividades das cooperativas.

Desde 1867 que as massas populares das zonas industriais de Lisboa e Porto se começaram a associar em cooperativas. Esta forma de associação permitia-lhes desenvolvimento da solidariedade e a difusão da cultura entre os seus associados. Em 1924 já existiam em Portugal 336 cooperativas. Depois da Segunda Guerra Mundial, este movimento toma raízes e fortifica-se, nomeadamente na margem sul do Tejo, como por exemplo, no Barreiro, Seixal, Cova da Piedade, onde a criação de cooperativas se sucede. Até agora, as cooperativas estavam sujeitas a uma lei que datava já do século passado e que as considerava como uma sociedade por acções, não podendo o governo interferir de modo nenhum nas actividades, nem dar ou regeitar o seu acordo aos corpos directivos eleitos. A lei burguesa considerava as cooperativas como sociedades com fins lucrativos e não de utilidade pública, ao contrário das as-

sociações, que são consideradas como não tendo fins lucrativos, mas de utilidade pública. A lei em que estavam abrangidas as cooperativas davam aos seus associados grandes possibilidades de desenvolver um trabalho cultural, já que, dentro da sua própria legislação, o governo fascista não podia, pelo menos à primeira vista, proibir actividades ou demitir os corpos directivos das cooperativas.

É certo que o regime fascista exerceu sempre uma grande vigilância sobre os elementos mais activos do movimento cooperativista, indo ao ponto de prender muitos deles e até, sobre os mais diversos pretextos, fechar as portas de cooperativas, como é o caso da Pragma que foi lacrada pela polícia, ou assaltando-as e apreendendo-lhes o material, como foi o caso da Livrelco (cooperativa livreira). Este movimento, que tem por função desenvolver a cooperação entre os homens, regeu-se, não só em Portugal como noutros países, pelos seguintes princípios:

1. Adesão livre
2. Controle democrático

3. Neutralidade política e religiosa
4. Desenvolvimento do ensino como aperfeiçoamento moral e intelectual do homem. E mais, numa resolução aprovada em 1956, no XV Congresso de Aliança Cooperativa Internacional, que reúne as cooperativas do mundo inteiro, dizia-se:



## "O SALTO" SOLIDARIZA-SE COM AS COOPERATIVAS EM LUTA

A medida repressiva do governo fascista de Caetano que tenta aniquilar as cooperativas com o decreto 520/71, foi, desde o início do processo, reprovada e combatida pelos sócios e direcções das cooperativas.

Assim, o combate ao decreto foi assinalado com numerosas reuniões de sócios em cada cooperativa, formação de comissões para informar, esclarecer e mobilizar os associados de cooperativas de todo o país, e distribuição de comunicados explicativos deste problema.

Através de reuniões, a maquinaria fascista foi desmascarada perante as largas massas dos sócios e lançadas as bases para lutas contra mais este atentado às liberdades de associação, de expressão, de pensamento e de cultura.

Depois de uma reunião em Alverca, 26 cooperativas assinaram um documento em que se fazia a história dos princípios que regem as cooperativas e onde se concluiu o seguinte: "Recusando qualquer tentativa de discriminação, as cooperativas signatárias insistem em que o Decreto-Lei nº 520/71 visa todo o movimento cooperativo português, e tendo em conta a apreensão generalizada com que foi recebido e as claras expressões de repúdio de que já foi objecto, não hesitam em afirmar que o Decreto-Lei nº 520/71

é inaceitável, pelo que a ser aplicada, sê-lo-à indiscutivelmente contra a vontade das cooperativas e dos cooperativistas portugueses.

"Neste sentido, e sem prejuízo de assinalarem a urgente necessidade de uma legislação que efectivamente favoreça o desenvolvimento em liberdade do movimento cooperativo português, as cooperativas signatárias concluem afirmando que a única medida capaz de salvaguardar os interesses das cooperativas, evitando a sua submissão a um regime de independência é a imediata revogação do Decreto-Lei nº 520/71".

Como é do conhecimento geral, o referido decreto foi aprovado, mas isto, que pode parecer à primeira vista uma derrota, não o é na realidade.

As cooperativas continuam a sua luta. O governo fascista poderá usar todas as artimanhas "legais", a polícia etc., mas não poderá calar a voz de milhares e milhares de trabalhadores e intelectuais, associados das cooperativas. Por tal, lançamos daqui uma calorosa saudação às cooperativas em luta, solidarizando-nos e apoiando o vosso valoroso combate pelos mais elementares direitos de associação, e contra a opressão da burguesia fascista.

sos" e, mais adiante, afirma que tudo isto "põe em causa os mais elementares direitos humanos".

Quando Sá Carneiro começou a fazer estas afirmações, os "duros", os fascistas de longa data e bem conhecidos de todos nós, como Casal Ribeiro, um dos donos da SACOR e Henrique Tenreiro, o patrão da pesca, ficaram "perturbados". Dizer que o regime, através da D.G.S. (ex-PIDE) põe em causa os "mais elementares direitos humanos", é coisa que não se pode dizer. Tenreiro e companhia ficaram inquietos e prepararam-se para intervir. Mas Sá Carneiro continua: "a defesa da sociedade não pode fazer-se com desrespeito pelas pessoas". Nessa altura, Casal Ribeiro irrompe: "Faz-se à bomba, bombas daquelas que rebentam nos cais dos barcos".

O grande capitalista Casal Ribeiro queria aqui dar a entender que Sá Carneiro estava de acordo com as bombas e, portanto, atacava e denunciava ligeiramente o governo fascista de Marcelo. Podia parecer, à primeira vista, que os dois fascistas em diálogo até estavam em profundo desacordo. Mas não! O chamado liberal não tinha essa intenção e, para pôr à vontade Casal Ribeiro, Tenreiro e outros que tais logo adiantou, referindo-se à violência: "não posso deixar de louvar o Governo, ou qualquer Governo do mundo, pelas providências que tome para lhe pôr termo", indicando mais precisamente: "insisto em que se cumpra a lei, e nada mais".

Ora, é precisamente isto. No fundo, os "liberais" e os "duros" estão de acordo. Apenas aqueles querem fazer crer ao povo que não alinham com o Marcelo. Estes diálogos da Assembleia, a que a imprensa burguesa dá grande relevo para tentar enganar as massas trabalhadoras, não passam de "arrufos de namorados". No caso presente, a que me foi dado assistir, eles não põem em causa a lei fascista, pelo contrário, defendem-na com unhas e dentes, apesar de proporem, como fazem os chamados "liberais": "que se faça um inquérito às actuações da D.G.S. e ao regime prisional". Mas ao mesmo tempo, defendem que se cumpra a lei. E o que é a lei? É pôr nas masmorras de Caxias e Peniche milhares de operários, camponeses e intelectuais que se opõem ao regime de exploração e opressão de que somos vítimas.

Entreí atrozado em S. Bento, mas o bocado a que assisti chegou-me. Aquilo é um espectáculo de circo, onde as "feras", apesar de rugirem, estão domesticadas e, apesar das aparências, não se querem comer umas às outras.

Sai calmamente. O antro dos fascistas ficava para trás rodeado, como sempre, das forças policiais que protegem estes administradores "bem falantes" da burguesia exploradora.

## uma outra VOZ

No dia seguinte vim para a rua no fito de ouvir as reacções. Dirigi-me a um café da Av. Almirante Reis, sítio de encontro de empregados bancários. Comentavam-se à boca cheia as reportagens dos jornais da manhã.

"Oh pá, já viste o que disse o Sá Carneiro? O "tipo" parece ser um indivíduo cheio de boa vontade, os outros é que não o deixam fazer nada". Um outro replicava: "Eu estou convencido que isto vai mudar pouco a pouco. O que é preciso é calma. Aqui há uns anos atrás não se falava assim na Assembleia. Vejam lá o exemplo do nosso sindicato. Não conseguimos ter lá uma direcção nossa? Agora puseram lá uma comissão administrativa, mas nós conseguimos lá pôr uma direcção, vocês vão ver!".

Continuei a minha volta para ir ouvir do. Fui para Alcântara, onde tenho alguns amigos.

Nos cafés, a voz não era a mesma que ouvira no café dos bancários.

Os operários e portuários que por ali estavam aquela hora, não falavam tão abertamente. Na mesa de um amigo meu, bem distante do balcão, a discussão rodeava à volta do filho de um operário da "Tabaqueira" que tinha sido expulso da Escola Industrial. Segundo diziam, o rapaz discutira com o padre que dá aulas de Religião e Moral, acusando-o este de ter "ideias comunistas", insultando-o e pondo-o fora da aula. Dias mais tarde, recebeu uma carta do Director a expulsá-lo.

Como era natural, o ambiente era de indignação. "Estes cães ainda fazem o que querem, mas não há-de ser por muito tempo... Há dez anos atrás é que esteve quase. Se nessa altura nós tivéssemos dado o que nos prometeram, o caso tinha modado de figura. Mesmo assim, ainda há-de vir o dia em que estes senhores hão-de ficar como o crivo dum regador. Quando nos unimos na fábrica eles até tremem!".

De Sá Carneiro e da Assembleia Nacional não se falava. Para aqueles operários e portuários estes senhores e esta assembleia fascista não representam nada, pois eles estão lá não para defender os interesses do povo mas os interesses da burguesia exploradora.

Em Alcântara, a voz era outra... Por hoje é o que tenho para contar. Enquanto cá estiver, tentarei pôr-vos ao corrente do que se vai passando.

**CHAMPIGNY**

# Um bom negócio

Já em "O Salto" nº 3, de Março do ano passado, nós tínhamos referido às condições de habitação das novas barracas da rua Alexandre Fourney. Hoje voltamos ao assunto, mas queremos nos referir aos "foyers" da "rue de l'égalité", denominados "centro de Champigny I".

Este complexo é propriedade do "Foyer du Bâtiment et des Métiers", e aloja em cada "apartamento" 8 pessoas, que dispõem de 2 quartos, um refeitório com um pequeno recanto onde existem 3 fogões a gás de 2 bocas, uma retrete e uma divisão com um lavatório e um só lavador de roupa. Cada pessoa paga, por semana 34 francos, tendo ainda o gás por fora.

Se fizermos as contas, chegamos à conclusão que cada "apartamento" rende por mês à volta de 1100 francos.

Dêmos uma ideia mais precisa do que se passa lá dentro. A construção é de cimento e muito húmida: as paredes escorrem água e os tectos estão rachados; as paredes só foram uma vez pintadas; não há ventilação, e os quartos, onde dormem 4 pessoas, são muito pequenos. A humidade é de tal ordem que, atrás dos armários, as paredes estão cheias de mofo.

Eis o que nos diz um dos camaradas portugueses que lá habita:

"Já cá estou há 5 anos. Os buracos que vê ali na parede já existiam quando cá cheguei. As cortinas nunca foram lavadas. As mulheres que fazem a limpeza só limpam os fogões, pois não são nossos. Como não existe ventilação, as paredes ficaram negras com o fumo de cozinhar. Nós aqui já muitas vezes temos dito ao guarda que eles têm que reparar as casas. A resposta é sempre a mesma: 'Já comuniquei à direcção'.

O que se vê é que os proprietários nunca fazem nada a não ser receber as rendas. Quanto ao resto, se nós contraírmos doenças neste ambiente, se as paredes estão azedas, se não há ventilação, se há buracos, isso não lhes interessa. O que eles querem é arrecadar os francos com este bom negócio."

Um outro aspecto que é interessante assinalar é o dos regulamentos impostos aos habitantes do "foyer", que mais parecemos regulamentos duma prisão. Escusado será dizer que são proibidas as visitas de mulheres; quer dizer que, se houver algum habitante que queira receber em casa uma prima, uma irmã ou uma cunhada, por exemplo, é-lhe impossível. O artigo 11 diz:

"As visitas dos homens são admitidas na semana das 18h e 30m às 21h, com a autorização do guarda do edifício."

Um outro aspecto deste problema, é que eles usam os "foyers" para isolar e reprimir politicamente os emigrados. Assim, um dos pontos do regulamento proíbe a distribuição de jornais, panfletos, etc.

A burguesia junta-nos em "foyers", por vezes completamente isolados das cidades, e tenta exercer sobre nós um controle político para que não tenhamos conhecimento do que se passa à nossa volta, para que não conheçamos a verdade.

**ESPAÑA**

# dois operários mortos pelos fascistas

Segundo notícias das agências de informação burguesas, no dia 10 de Março de manhã, 3 mil operários dos estaleiros navais de El Ferrol, na costa da Galiza, manifestaram no centro da cidade contra o despedimento de seis camaradas e pelo aumento dos salários. Os operários bateram-se corajosamente com a polícia, usando pedras e paralelepípedos das ruas para se defenderem. A polícia fascista abriu fogo, matando dois e ferindo mais de 50.

Nos dias que se seguiram a esta violenta manifestação a polícia franquista, armada até aos dentes, fez razias na vila de El Ferrol, procurando os valerosos militantes operários. O número de prisões é elevado e neste momento desconhecido, já que segundo indicam os jornais burgueses, numerosos operários não voltaram ainda a casa para fugirem às garras da polícia.

Por todo o norte de Espanha sucedem-se as greves de solidariedade com os operários de El Ferrol. Também em Madrid estalaram violentas manifestações que se prolongam ainda no momento em que escrevemos esta notícia.

Mais uma vez, o regime de Franco, a soldo da burguesia e do imperialismo, abateu sobre a classe operária a repressão violenta.

Os operários de El Ferrol responderam à violência da burguesia batendo-se como podiam, com a violência revolucionária.

Os dois militantes caídos são para nós um exemplo de combatividade e ficarão na história do movimento operário, como tantos outros em todo o mundo, como heróis populares.

A nossa Homenagem!

**STRASBURGO**

# Portugueses em revolta contra as equipas Franco-Portuguesas

"As 'Equipas Franco-Portuguesas' têm que estar em todos os locais da França onde a comunidade portuguesa esteja instalada", dizia o boletim nº1 das "Equipas Franco-Portuguesas". Estas são o novo instrumento que os bancos e o consulado criaram para substituir a ANPF e tentar controlar os trabalhadores emigrados.

Ora, os portugueses de Strasbourg bem viram o que significava esse "estar em todos os locais da França..." pois, foi nesta cidade que, com o patrocínio dos seus patrões do "Banco da Agricultura" e da "Agência Wastells", as "Equipas Franco-Portuguesas" anunciaram um grande festival português, com uma grande vedeta portuguesa, que, dizia-se, seria a Amália Rodrigues.

Atraídos por esta publicidade toda, pelo grande festival e pela grande vedeta, que até podia ser a Amália, estavam presentes na sala cerca de 900 portugueses, não só de Strasbourg, como de Schirmeck, Nancy, etc.

Mas os trabalhadores portugueses não são o "Zé parolo" que esses senhores pensam e a experiência da ANPF abriu os olhos a muitos. Assim, os protestos começaram à entrada por causa do preço que era a 10F.,

continuaram porque a cerveja Sagres era a 2.50 F. e o vinho branco 15 F.

Quando chegou o fim e a Amália sem vir nem nenhuma outra grande vedeta, os protestos transformaram-se em revolta. Todos tinham consciência duma coisa: tinham sido logrados! O "Banco da Agricultura", a "Agência Wastells" e as "Equipas Franco-Portuguesas", além de terem criado o charmariz da vedeta surpresa, ainda tentaram ganhar o máximo que puderam.

Conscientes disso, um grupo mais decidido descarregou a cólera de todos os trabalhadores portugueses presentes sobre um dos organizadores. Se não fosse a intervenção da polícia, esse agente dos bancos teria pago bem caro a sua esperteza.

Os votos que fizemos em "O Salto" nº 8 para que as "Equipas Franco-Portuguesas" estivessem em 1973 no mesmo estado da ANPF riscam de se cumprir mais depressa do que pensávamos.

Denunciemos por toda a parte a política das "Equipas Franco-Portuguesas"!

NÃO AO BANCOS!

NÃO AOS CONSULADOS!

NÃO AS "EQUIPAS FRANCO-PORTUGUESAS"!

**TROYES**

# O vosso mundo, doutor, para nós, já é velho...

— Está? É da agência que publica o "Mundo Português"?

— É, sim. Que deseja?

— Desejo falar com o director do jornal.

— Ele atende-o já. Mas... por acaso você não está interessado em reservar um bilhete de avião para Portugal? A nossa agência está à sua inteira disposição!

— Já lhe disse, eu quero é falar com o doutor.

— Sim, sim! Ele vem já. E, por acaso, não necessita também de depositar as suas economias? A nossa agência está também à sua inteira disposição para isso, através do clube internacional de férias.

— Basta! Pela última vez lhe digo que, o que desejo, é falar com o dr. Afonso da A.N.P.F., do "Correio Português", do jornal do banco-Afonso V, etc.

— Não se zangue!... Um momento, se faz o favor.

— Aqui, Doutor Monteiro Afonso, director do "Mundo Português".

— Daqui, é um dos cães que ladram e mordem. O motivo que me levou a comunicar consigo é que vi passar por aqui a caravana da exploração e da ignorância e como você deve andar à procura dela...

Em seguida, desliguei. Já tinha a confirmação que necessitava para vos escrever. É que, sendo um dos trabalhadores que criaram a União Recreativa "Os Lusitanos de Troyes", fiquei indignado ao ler um artigo do jornal "Mundo Português" em que o Monteiro Afonso atacava a nossa associação.

Já nos nº7 e 8 de "O Salto" foi denunciada a polémica que Monteiro Afonso e a A.N.P.F. tiveram em relação à sua secção de Troyes, de que eu antes era sócio. Ora, como os leitores do jornal "O Salto" já devem ter percebido, o Afonso (V) de "O Salto" nº 7 e 8 é, precisamente, o Monteiro Afonso, agente servil dos bancos e das agências, a quem a A.N.P.F., não contente com o seu trabalho, que dava muito nas vistas, expulsou.

Mas, no fim de contas, ele é um especulista e a agência "Paris Viagens" escolheu-o para fazer a sua publicidade através dum jornal. Não fora ele o director do "Correio Português" quando este tinha a sua sede no banco? Pois, o seu novo jornal, "Mundo Português" tem, como não podia deixar de ser, a sua sede na agência.

Mas os trabalhadores portugueses já não se deixam enganar com facilidade! Assim, quando eles leram, na 1ª página do "Mundo Português", a palavra "continuamos", imediatamente perceberam o significado desse "continuamos"!

É que, o vosso mundo, doutor, para nós já é velho. Hoje, nós construímos um Mundo Novo, um Portugal novo, onde homens como você não terão lugar. Por isso nos unimos à volta do nosso jornal "O Salto", pois ele é feito por associações populares que têm orgulho nesse nome, pois ele significa a liberdade, a paz, o trabalho e o pão que os doutores, os bancos e as agências nos roubam.

NÃO AOS BANCOS, NÃO AOS CONSULADOS!  
VIVA AS ASSOCIAÇÕES DE TRABALHADORES!

Rodrigo

**CONSELHO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA**

(Continuação da p.9)

teiro organizam-se para lutar com decisão e firmeza e assim se libertarem da opressão e exploração, da fome, da miséria e da ignorância.

Esta reunião do Conselho de Segurança da O.N.U. marca um importante recuo dos imperialistas diante das lutas dos povos africanos contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo.

As exposições dos delegados mostraram que, por um lado, os imperialistas apoiam os regimes colonialistas de Portugal, da Rodésia e da África do Sul, e, por outro lado, pregam ao povo africano que abandone a luta, isto é, se submeta à exploração colonialista.

Vários delegados recusaram também a ideia segundo a qual uma pequena faúlha pode provocar uma grande guerra mundial, que é a concretização da concepção que os reacccionários têm da paz, segundo a qual os povos têm o dever de se deixar oprimir, explorar e massacrar, e os imperialistas têm o direito de ameaçar, matar, bombardear, incendiar, etc.

Isto mostra bem que a trapaça do humanitarismo e do pacifismo está sempre ao serviço do imperialismo e da reacção, que somente a luta resolvida e conduzida sem compromissos pode levar os povos à sua libertação!

# carta da Renault

Antes de tudo, tenho que dizer que há muito tempo andava à procura de um jornal como "O Salto" e, agora que o encontrei, agarro-me a ele com unhas e dentes.

Em Dezembro do ano passado, tive de parar o trabalho e ir ao médico, pois apanhei uma doença de pele que se alastrava pelo corpo todo. Quando eu disse ao meu médico que trabalhava na cola, ele respondeu que a doença era devida ao trabalho que eu fazia e deu-me baixa até Janeiro. Entretanto, passei uma visita ao médico da Renault. Este mandou-me mudar de secção. Retomei o trabalho mas, o facto de mudar de secção não arrançou as coisas, pois eu continuava a piorar e, tive de parar novamente o trabalho. Como era uma doença devida ao trabalho que eu fazia, o meu médico disse-me para eu pedir na Renault uma folha de acidente. Eles recusaram dar-me essa folha. Tive então de ir à "Sécurité Sociale" para tratar do caso. Tive de andar de um lado para o outro a arranjar papeis e mais papeis. Quem se tinha recusado a dar-me o papel ao princípio, era um contra-mestre. Mas eles acabaram por me darem todos os papeis necessários.

No entanto a "Sécurité Sociale", ao princípio, também não quis aceitar como acidente de trabalho, pois foi fazer um inquérito para saber se eu já tinha tido uma doença de pele.

Isto acontece muitas vezes, isto é, quererem fazer passar uma doença profissional por uma doença normal, pois quando é doença normal pagam muito menos.

Não querem respeitar as suas próprias leis.

Isto mostra-nos que lutando conseguimos vencer.

Todos os Emigrantes Portugueses devem unir-se à volta do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados para defenderem de maneira eficaz, os nossos direitos.

Viva o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados!

assina  
« O SALTO »

A assinatura de 12 números custa 10F.

Tu podes pagá-los enviando-os para CCE 56 2685 Paris Escrevendo para O Salto B.P. 95 PARIS XI pedindo que enviemos um mandato já preenchido para o pagamento.

Se quiseres pagar directamente tens os nossos locais à tua disposição, nas horas de permanência.

**LUXEMBURGO**

# NA SODYNAD, SITUAÇÃO DEPLORÁVEL

De um nosso leitor no Luxemburgo recebemos a seguinte carta:

"Há muito que a situação na empresa 'Sodynad' se vem tornando pior de dia para dia. Esta empresa, que se ocupa de trabalhos em ferro, emprega, na sua maioria, estrangeiros dentro dos quais 30 portugueses.

Os salários são dos mais baixos da região. Um motorista ganha 70 F. belgas por hora e um operário ganha, no geral, de 54 a 56, sendo muito poucos os que ganham 65 francos. As gratificações eram, no princípio, de 12 mil francos belgas e, hoje, diminuíram para 5 mil. Os operários agregados à empresa Maurice Curie, que é uma empresa pertencente à ARBED (grande empresa que domina todo o Luxemburgo), fazendo o mesmo trabalho que os outros, não têm direito a gratificação.

Uma outra forma que eu considero uma das maiores roubalheiras que se podem fazer aos operários, é o sistema das multas. Na 'SODYNAD' esse regime é muito apertado e quero dar aqui alguns exemplos:

- andar sem capacete - mil F.B.
- andar com uma velocidade superior a 30 km/h - mil F. B.
- passar com um carro por cima duma pedra - mil F.B.
- deixar um bocado de ferralha que possa bloquear um ciclo - mil F.B.

Camaradas, eu acho isto incrível!

Não basta que a burguesia nos explore nas horas normais de trabalho, senão ainda nos aplicarem multas!

Tempos atrás, os operários protestaram muito contra este estado de coisas, indo um camarada italiano ao ponto de apertar as goelas ao chefe-geral que é dado pelo nome de Marchal. A burguesia, para que os operários não protestem nem façam greves compram os dirigentes sindicais, tentam dividir-nos lançando o rascismo, etc., mas eu acho que isto não nos deve fazer desanimar, pois nós sabemos que nesta luta diária, somos nós, a classe operária, que derrotaremos todos esses exploradores como, por exemplo, os patrões da 'SODYNAD'."

A redacção do jornal "O Salto" faz suas as palavras deste leitor e considera que se dispensam comentários.

# Colecta permanente

A transportar	295 F.
Um trabalhador da América	5 F.
Um trabalhador da Alemanha	7 F. 50
Um trabalhador da França	2 F.
Por uma imprensa ao serviço dos Trabs. Portgs. Emigs.	300 F.
Por um Salto mensal	200 F.
5 F. operarios	5 F.

os envios devem ser feitos para: C.C.P. "O Salto" 56 2685 PARIS - "Colecta permanente para um jornal "O Salto" mensal.

814 F. 50

# UM JORNAL DE TRABALHADORES DEVE SER PAGO POR TRABALHADORES

# VIVA O DIA 8 DE MARÇO

dia internacional das mulheres!

No dia 8 de Março de cada ano, a classe operária e os povos do mundo inteiro comemoram o Dia Internacional das Mulheres. Eles relembram assim — na sua luta hoje — a luta exemplar das operárias americanas, manifestando nas ruas no dia 8 de Março de 1857 para exigir o respeito dos seus direitos fundamentais.

Esta data é, antes de tudo, um aniversário. Nesse dia, 3 mil operárias em greve fizeram uma grande manifestação, exigindo 10 horas de trabalho em vez de 16, melhores condições de trabalho e salários iguais aos dos outros operários.

Em 1908, também no dia 8 de Março, as operárias americanas encontraram-se de novo na rua para protestar contra as más condições de trabalho e para exigir o direito de voto.

Mas foi somente no Congresso das Mulheres Socialistas realizado em 1910 em Copenhague que, sob o impulso da grande revolucionária alemã Clara Zetkin, foi decidido que o dia 8 de Março passasse a ser o Dia Internacional das Mulheres e o símbolo da luta das mulheres no mundo inteiro pela sua libertação.

## Clara Zetkin



Nos anos que se seguiram, as manifestações do 8 de Março foram importantes: em 1914, Clara Zetkin mobiliza milhares de mulheres contra a guerra imperialista de 1914-18 que se avizinha e contra a prisão da combatente alemã Rosa Luxemburgo.

No dia 8 de Março de 1917, a greve das operárias do têxtil em Petrogrado, na Rússia, teve um papel importante na preparação da Revolução de Outubro.

As mulheres trabalhadoras nunca ficaram à margem dos grandes movimentos históricos dos oprimidos pela sua libertação. Na Europa, na luta contra a exploração capitalista, mas sobretudo na Ásia e na África, nas lutas de libertação nacional, as mulheres deram e dão uma contribuição decisiva ao movimento revolucionário dos povos pela construção dum mundo novo.

Em Portugal, operárias e camponesas lutam contra a ditadura fascista. Nas fábricas, as operárias participam nas greves e comícios, nas manifestações, enfrentando a repressão brutal com coragem e firmeza.

Nos campos, os operários agrícolas fizeram marchas da fome, em que as mulheres participaram.

Contra a guerra colonial, é cada vez maior o número de mulheres que se levantam, quer opondo-se nas aldeias à partida dos soldados para a guerra colonial, quer participando nas manifestações de apoio à luta dos povos das colónias.

Muitas têm dado a vida no combate à exploração fascista e capitalista. O nome de Catarina Eufémia, camponesa assassina pela Guardia Nacional Republicana ficará sempre na memória do povo como o símbolo da luta das mulheres portuguesas pelo Pão, pela Liberdade, pela Terra.

Contra todas as tentativas da burguesia para reduzir o papel da mulher ao de uma escrava doméstica, servindo de travão nas lutas populares, as mulheres dos povos do mundo têm levantado bem alto a bandeira da libertação.

## CATARINA

(Continuação da pag. 6)

de violência que já não poderá controlar, é ela própria que provoca o ódio acumulado em 45 anos no povo.

De 1961 à 1971 temos assistido a greves importantes e manifestações, em particular as manifestações no 1º de Maio, dia internacional do trabalho, em Lisboa e no Porto. Ultimamente, o movimento de luta contra a guerra colonial tem-se amplificado. As manifestações de apoio à luta dos povos das colónias realizam-se há três anos consecutivos, no dia 21 de Fevereiro e o grande movimento de deserção e recusa à guerra colonial por parte da juventude aumenta sem cessar.

O povo vai assim compreendendo que o seu aliado principal na luta contra a ditadura fascista é o povo das colónias e que, apoiando a sua justa luta, é mais um passo em frente que dá no caminho da Liberdade, da Paz, do Pão, da Terra e da Independência.

# a mulher emigrada



## A MULHER E O TRABALHO

Ouvimos frequentemente na boca das mulheres a seguinte frase: "Eu bem queria ir trabalhar, mas não tenho aonde deixar os meus filhos".

Este é realmente um dos maiores problemas que uma mulher casada e com filhos encontra na sociedade capitalista.

Nós quisemos que fossem as próprias mulheres a exprimir-se sobre este problema, e para isso deslocamo-nos a um conjunto de barracas em Ivry, na sua maioria habitadas por trabalhadoras portuguesas e aí entrevistámos várias mulheres.

### Escrava da cozinha

Na primeira barraca encontramos cá fora a mulher estendendo a roupa. Sobre a questão do trabalho, ela responde:

— Eu bem amiga era de ajudar o meu homem, mas, com três crianças, e a mais velha tem só três anos e meio, não posso. Para ir trabalhar tinha que as dar a guardar, e são 250 Francos por cada uma.

Com o que a gente ganha, não vale a pena. Eu ainda andei oito meses a trabalhar, tirava uma média de 600 a 650 Francos por mês, tinha que pagar a quem mas guardava, ao fim e ao cabo, o meu salário ia quase todo nisso, além de que perdia o direito às alocações, pelo menos a metade. Não valia a pena. A minha mais velha vai à escola, mas são mais as vezes que ela falta, porque a escola ainda é longe, e eu tenho crianças mais pequeninas e custa-me sempre deixá-las porque tenho a braseira e estou sempre preocupada que se queimem".

O direito ao trabalho ao lado dos homens nas fábricas ou no campo é uma justa aspiração da mulher, que nas sociedades capitalistas existe apenas no papel. A que é devido este estado de coisas que somos obrigados a constatar?

Desde sempre nós ouvimos dizer àqueles que nos exploram que o lugar da mulher é em casa, a tratar dos filhos e da cozinha. Será que nós, as mulheres, não temos, como os homens, dois braços para trabalhar e uma cabeça para pensar? Ou não será a burguesia que explora os nossos homens que tem interesse em nos manter nesta situação? Uma prova disto são os países onde o povo varreu toda a exploração e opressão e nos quais as mulheres são ao lado dos homens uma força decisiva na construção de uma sociedade nova.

### Escrava do capital

De facto a imagem da mulher que a burguesia nos quer impôr é falsa, mas não nasceu do ar. Como todas as ideias, ela tem uma base material, isto é, serve os interesses da classe que as exprime.

Qual é, pois, a base material desta ideia? Esta imagem da mulher está directamente ligada ao aparecimento da propriedade privada. A concentra-



..não tenho onde deixar os meus filhos!"

ção de só homens importantes nas mãos de um riqueza e o desejo de as legar intactas a um herdeiro, isto é, a um filho seu, leva-o a oprimir a mulher, afastando-a da produção e fechando-a

em casa com o único fim de o servir e de lhe dar progeneritura. O facto de ser o homem o único a trabalhar e a sustentar a família toda dá-lhe uma autoridade incontestável sobre a mulher, donde deduzimos que a primeira condição para a emancipação da mulher é a sua independência económica através da participação na produção social.

Toda a sociedade capitalista, baseada na propriedade privada e na dominação da classe burguesa sobre a classe trabalhadora, assenta nesta primeira opressão de classe, que é a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino. A emancipação da mulher só será possível com o fim do reino da exploração e da miséria, com o fim da burguesia enquanto classe. Isso, a burguesia sabe-o, teme-o e tenta por todos os meios impedi-lo.

No entanto, em certos períodos e nomeadamente no começo da industrialização, nos quais a burguesia necessita de uma grande quantidade de mão-de-obra barata, ela não hesita em utilizar a mão-de-obra feminina. E isto, com o único fim que é o lucro máximo, pois a mulher é uma mão-de-obra barata e mais dócil.

No nosso século, vemos ainda frequentemente mulheres trabalhando 15 e 16 horas por dia por salários de miséria e em condições de higiene terríveis.

Mas não há mal sem bem.

Ao mesmo tempo que explora e assasina as classes trabalhadoras, a burguesia está cavando o seu próprio fosso, pois é no trabalho, lutando ao lado do homem, que a mulher toma consciência da sua situação de explorada e que, unidos, eles vão lançar os alicerces dum mundo novo, dum mundo onde as mulheres e os homens serão livres.

### Escrava da cozinha e do capital

Ainda na região de Ivry entrevistámos outra mulher:

— Eu tenho cá dois filhos, o outro está em Portugal com os meus pais, pois cá não o poderia ter. Eu trabalho de dia, e o meu marido trabalha de noite e é ele que guarda as crianças para eu ir trabalhar, se não, não podia. Quando chego a casa, já tarde, pois o meu trabalho é ainda um pouco dis-

tanciado, vou fazer as compras, arranjo a casa, lavo e dou de comer às crianças, e à noite ainda lavo, e no outro dia, de manhã, ponho a roupa a secar lá fora. Quando chego à cama estou estafada. Nós, as mulheres, estamos habituadas a trabalhar de dia e de noite; lá em Portugal trabalhávamos em fábricas e depois ainda trabalhávamos num quintal ou numa pequena terra para cultivar couve, feijão, batatas... A gente está habituada à canseira. Olhe, quando aqui cheguei, as minhas mãos eram só calos de trabalhar com enxadas. A nossa vida é uma vida de escravas, o salário de um só não chega, mas não temos facilidade nenhuma para podermos trabalhar".

Sim, na sociedade capitalista, a mulher é uma escrava, pois os governos dos patrões em nada favorecem, muito pelo contrário, a construção dos serviços sociais necessários à mulher trabalhadora. Além de trabalhar e ser explorada nas fábricas, ela tem ainda quando chega a casa, todo um grande trabalho não remunerado que são os serviços domésticos. E, muitas das vezes, para ir trabalhar, ela é obrigada a abandonar os filhos, não sendo raro os acidentes mortais.

### A mulher libertada

O exemplo de certos países mostram-nos que a socialização destes serviços, isto é, a sua transformação numa indústria pública, é a condição da real participação das mulheres na produção social, e portanto da sua emancipação.

Nós devemos, desde já, lutar pelo direito ao trabalho, pela construção de creches e outros serviços sociais, nunca esquecendo, no entanto, que a nossa emancipação não será obra da sociedade capitalista, pois esta existe à custa do nosso sangue e do nosso suor.

A emancipação dos homens e mulheres do nosso país será a nossa obra, a obra de um governo popular dos operários e camponeses. Só então, a metade do povo português que somos nós, as mulheres, seremos iguais aos homens, e unidas a eles construiremos um mundo novo.

## A Mulher em Luta

### IRLANDA

## AS MULHERES COMBATEM O OCUPANTE

Desde 1916 que as mulheres irlandesas lutam ao lado de todo o povo contra o colonialismo britânico e contra os burgueses do seu país que, pelos seus próprios interesses, colaboram com o imperialismo britânico.

O colonialismo inglês pretende transformar a Irlanda numa sua fonte de produtos agrícolas e de mão-de-obra. Para isso, faz tudo para expulsar os trabalhadores agrícolas irlandeses das suas terras substituindo-os por colonos ingleses, destroi a indústria têxtil irlandesa dando às companhias inglesas o monopólio do comércio. Isto é, reduz o povo irlandês à miséria. Uma prova real de tudo isto é o facto de que, hoje em dia, vinte milhões de irlandeses vivem nos E.U.A. e somente 4,5 milhões na Irlanda!

Em 1921, depois de uma guerra de libertação de 5 anos, a Irlanda foi cortada em duas. A burguesia nacionalista, que tinha tomado a direcção da luta, tomou conta do poder no sul da ilha, o Eire. Mas esta burguesia, para conseguir viver à custa do povo, foi vendendo o Eire aos imperialistas e particularmente aos imperialistas britânicos.

Na Irlanda do Norte, o Ulster, o imperialismo britânico está implantado tanto quanto antes da divisão do país. Ele explora ao máximo a classe operária: no Ulster, um operário inglês ganha mais do dobro do que ganha um operário irlandês e este tem 3 vezes mais possibilidades de ser despedido. O desemprego atinge em certas áreas, 25% e nas áreas principais 50%.

Claro que também, quanto ao desemprego, são sempre as mulheres a ter a prioridade...

Para esconder a verdadeira razão da lu-

ta do povo irlandês, e para conseguir manter a sua dominação, os imperialistas britânicos e os seus aliados utilizam-se da discriminação religiosa entre católicos e protestantes: os empregos vão de preferência para os operários protestantes, o que põe bem às claras a tentativa do colonialismo de dividir os trabalhadores, de impedir que eles se unam e assim mais força tenham para o derrubar. Mas este mito da "guerra religiosa" cobre bem a realidade da luta de classes, pois que de um lado do campo está a burguesia, a grande burguesia, na grande maioria protestante, e do outro estão as classes trabalhadoras, na sua grande maioria católica.

Nesta luta, as mulheres têm tido um papel de relevo. Ainda no ano passado, num bairro irlandês, as mulheres vieram para a rua armadas com os próprios instrumentos caseiros: testos de panelas, tachos velhos, etc., tudo quanto podiam e imaginavam, para impedir a penetração no bairro dum exército britânico dos melhores apetrechados. E na verdade o exército, durante mais de 24 horas, não conseguiu avançar mais de 50 metros. Somente pela madrugada do dia seguinte penetrou nos bairros. Nesse dia, por volta do meio dia, era acolhida uma patrulha militar: uma dezena de homens, protegidos por vários carros blindados em marcha lenta, em duas filas saltados ao muro. Uma multidão de mais de 100 mulheres e crianças rodeiam-nos, fazendo um concerto de bater de testos de panelas verdadeiramente ensurdecedor e olhando-os de um olhar tão furioso que eles tentavam evitar.

As mulheres irlandesas mostraram assim bem todo o seu ódio em relação ao ocupante britânico.

# O EXEMPLO DE CATARINA e a luta popular em Portugal

Faz agora 18 anos que Catarina Eufémia, camponesa alentejana, foi cobardemente assassinada pelo tenente Carrajola, comandante das forças da G.N.R. que tinham como missão reprimir a revolta do povo de Baleizão.

Nesta altura, em que homens e mulheres de Portugal e de todo o mundo se levantam para sacudir o jugo da opressão e da miséria, para acabar de vez com o velho mundo e construir um novo, importa, para nós trabalhadores portugueses emigrados, importar conhecermos e celebrarmos o exemplo da heroica camponesa de Baleizão que deu a vida na luta pelo pão e pela liberdade do seu povo.

Faz agora 18 anos que o povo de Baleizão, numa das suas lutas exemplares, levantou contra os agrários para exigir melhores jornadas de trabalho. Nem as pressões dos exploradores, nem a força das armas da G.N.R. conseguiram abalar a determinação do povo na sua recusa do trabalho por salários de miséria.

Quando, à frente de um grupo de 15 mulheres, não temendo a pistola-metralhadora apontada para ela, Catarina Eufémia grita: "O que eu quero é pão para matar a fome dos meus filhos", ela exprime o ódio intenso e a firme determinação dum povo que nada tem a perder a não ser as cadeias que o acorrentam.

Catarina Eufémia foi morta, assassinada pelas forças repressivas do regime salazarista.

Mas, se a morte dos fascistas e dos exploradores e opressores do povo tem menos peso do que uma pena, morrer pelos interesses do povo tem mais peso do que uma montanha: porque, por cada combatente que cai, há, por todo o lado, centenas de outros que, inspirados pelo seu exemplo, se levantam e continuam a luta com ardor redobrado.

Assim, a coragem e abnegação de Catarina Eufémia são para nós um estímulo e um encorajamento na nossa luta contra todas as formas de opressão.

Ela ilustra também a resistência e o combate que o povo português tem travado, ao longo de 45 anos, contra a ditadura fascista.

O sentido da luta popular, caminhando invariavelmente para reivindicações e para formas de luta mais avançadas, indica que os operários e todo o povo português já não tem ilusões sobre o regime fascista e dispõe-se a abatê-lo.

Assim, desde a Segunda Guerra Mundial, as formas de luta da classe operária têm evoluído no sentido duma radicalização: entre as greves económicas de 1942-43 ou os comícios eleitorais de 1949, por um lado, e, por outro, as manifestações políticas em 1962 ou a acção de Beja, também em 62, estendem-se 20 anos de lutas, das quais as largas massas do povo têm tirado as lições necessárias, abandonando reivindicações e formas de luta que já utilizou e que compreendeu serem ineficazes, procurando novas formas que sirvam os seus fins.

## 1941-1949

Em fins de 1943 começou a desenhar-se uma profunda modificação na situação política nacional.

No período de 1926 a 1937, que marcou a ascensão do fascismo, as duas únicas acções de carácter verdadeiramente popular foram a greve geral de 18 de Janeiro de 1934, para protestar contra a fascização dos sindicatos, acompanhada da revolta ar-

mada da Marinha Grande, conduzida pelo grande dirigente operário José Gregório e, no dia 9 de Setembro de 1936, as insurreições dos marinheiros de dois navios de guerra, "Afonso de Albuquerque" e "Dão", que pretendiam sair da barra a fim de se dirigirem a Valência para se juntarem à Armada Republicana espanhola, que combatia os fascistas franquistas.

A partir de 1943, o movimento operário, que até então se encontrava praticamente isolado na luta contra a ditadura, começou a ser secundado por um largo movimento democrático que atraiu para a luta política, vastas massas da população.

As grandes greves de Outubro-Novembro de 1942 e Julho e Agosto de 1943 (esta mobilizou mais de 50 mil trabalhadores, a quase totalidade dos operários industriais de Lisboa e da margem sul do Tejo), as greves de 8 e 9 de Maio de 1944, em que intervieram dezenas de milhares de trabalhadores operários e assalariados agrícolas da região de Lisboa, a greve de Abril de 1946 envolvendo mais de 10 mil operários textéis da Serra da Estrela, assim como as manifestações económicas que acompanharam as greves e as manifestações políticas de 1945 comemorando a derrota do fascismo internacional, as de 1949 em torno das "eleições", todo este movimento impõe a classe operária como uma força política conseguindo atrair a si camadas da pequena burguesia e da burguesia liberal, desconcentes com o fascismo e prontas a lutar pela liberdade e democracia.

Assim, surgiu o poderoso movimento nacional anti-fascista apoiado no MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-fascista) e depois no MUD (Movimento de Unidade Democrática), levando largos sectores da população a levantarem-se unidos por reivindicações democráticas comuns, e a arrancarem à ditadura uma série de concessões, criando uma plataforma de luta e de organização muito mais larga que no passado.

No entanto, em todo este período, o movimento das massas é quase exclusivamente de carácter económico, sendo o movimento político de pouca envergadura, pois ele é, em grande parte, dominado pela burguesia. Os operários, influenciados por esta, não vão além das reivindicações das eleições livres e amnistia e, as formas de luta mais avançadas são as manifestações pacíficas de rua.

## 1958

Em 1958, o movimento popular irrompia com novas energias, mostrando que não esquecerá as lições anteriores: a grande campanha política em torno das "eleições" é muito mais poderosa que a de 1949; as reivindicações levantadas pelas massas são mais radicais, afirma-se a disposição das massas para entrar em choque com as forças repressivas; após as manifestações, a greve política faz pela primeira vez, a sua aparição entre nós, como arma específica do proletariado contra a ditadura fascista.

Assim, quando da burla eleitoral de 1958 que não permitiu que fosse eleito o general Humberto Delgado, seguiram-se greves políticas em que milhares de operários e trabalhadores rurais protestaram contra essa burla. Fábricas foram cercadas e invadidas pela polícia. As prisões sucederam-se despedimentos em massa. Povoações inteiras no Alentejo eram sitiadas pelas forças da G.N.R. e centenas de camponeses pre-

## Carta dos camponeses

### O ASSASSINATO DE CATARINA EUFÊMIA

Vou aqui-vos como a facção assassina a nossa querida CATARINA EUFÊMIA.

Os camponeses de Baleizão, assediados da serem explorados pelos grandes agrários e de passarem fome e miséria, decidiram, como em anos anteriores, unirem-se e lutar por melhores jornadas nas terras.

Logo que começou a ceita das favas conseguimos 30\$00 (homens) e 20\$00 (mulheres) mas como os agrários não quiseram pagar mais decidimos entrar em greve.

Passado dias o agrário Dr. Fernando Nunes trouxe para a sua herdade dos Olivais um rancho de Renedo Gordo a quem pagava 18\$00 (homens) e 12\$00 (mulheres). Então juntamo-nos uns 300 camponeses e fomos falar a esse rancho diz o filho: "O que lutávamos era por melhores condições de trabalho. Em virtude das nossas palavras eles decidiram abandonar o trabalho, mas a G.N.R. pouco depois, obrigava-os a trabalhar por aquela jorna de miséria. Quando soubemos disto o povo todo concentrou-se (mais de 1.500 pessoas) para voltar a falar ao rancho. Nessa altura passava pela estrada uma camioneta com 40 guardas da PSP que iam para Moura. Decidiram parar, saltar para a estrada, armar baloneta e dispersar o povo. Este porém não se intimidou e gritando em altas vozes: "Temos fome!" "Queremos falar em Paz com as pessoas de Renedo Gordo!", avançando sempre obrigando os policiais a meterem-se na camioneta e fugirem. Entretanto o feitor do agrário fôra a Beja avisado do que se passava e este veio à propriedade trazendo a G.N.R. de Beja comandada pelo tenente Carrajola.

O povo avançou para a herdade mas a G.N.R. com as armas apontadas, não permitia que se aproximasse. Forçados pela insistência os guardas deixaram passar um grupo de 15 mulheres. Todas elas iam alfaiatas, cheias de confiança na justiça da sua acção. Por detrás dum molhe de lavas estava porém esse tenente miserável que imediatamente fez uma rajada para o ar.

As camponesas, admiradas, mas cheias de razão nos seus objectivos avançaram de mãos no ar aproximando-se do agrário. CATARINA EUFÊMIA ia nesse grupo de mulheres. Camponesa destacada, estava sempre à frente das suas companheiras na luta pelas suas reivindicações. Mãe de 3 crianças e grávida de outra sentia bem a fome que passava e ainda mais, a que passavam os seus filhos. Quando CATARINA EUFÊMIA, à frente do grupo, se aproximava para falar ao rancho, algumas companheiras disseram-lhe: "Catarina, tu não deves de ir aqui pois o teu marido é funcionário do Estado e sempre terá uma vida melhor do que nós" (referiam-se ao facto do marido ser cantoneiro e não ao facto do terrível desamparo habitual dos trabalhadores rurais). CATARINA EUFÊMIA, sempre avançando, respondeu: "Olhem, eu não luto só por mim, mas por nós todas."



CATARINA EUFÊMIA BALEIZÃO, camponesa, natural de Baleizão, filho de José Baleizão e de Maria Eufémia, camponesa. Casada e mãe de uma filha de 7 anos e de dois filhos, um de 4 anos e outro de 8 meses. Assassinada no dia 19 de Maio de 1954, pelas 11 horas, aos 29 anos de idade e grávida de um quarto filho, pelo tenente da G. N. R. de Beja Carrajola.

Era assim a nossa querida companheira. Foi ela que mais se aproximou do lado onde se encontrava o assassino. Este disse-lhe: "O que querias, bruta?". Catarina respondeu-lhe, com seu filho moleiro nos braços: "O que eu quero é pão para matar a fome dos meus filhos e a p canalha, em resposta, deu-lhe três tiros que lhe tiraram a vida imediatamente.

As outras 14 camponesas estavam junto do agrário e o assassino, gritando para este, dizia-lhe fugisse pois queria as matar também. E ainda fez mais uma rajada que só por não querer atingir o agrário não atingiu as camponesas.

Estas gritaram: "Ah bandido, que mataste a mulher", mas o povo, que se encontrava aliado, não se convenceu que se assassinasse assim uma camponesa e pensou que ela tivesse desmaiado pois o corpo fora imediatamente levado no automóvel do agrário para Beja. Só a tarde se soube que de facto CATARINA EUFÊMIA estava morta. O povo, então, de luto e desesperado por tão vil crime, encheu novamente as ruas clamando: "Bandidos! Assassinos!" "Canalhas!" "Criminosos!" "Temos fome!" "Queremos Pão", etc.

No dia seguinte, mais de 2.000 pessoas de Baleizão, todas de luto, marcharam para Beja onde se juntaram a mais de 1.500 pessoas da cidade. Elas queriam todas levar o corpo da desventurada camponesa para a sua terra. O funeral, marcado para as 10 horas foi adiado para as 12 e 14 mas só às 16 horas, do quintal do Hospital de Beja saiu de repente um automóvel em direcção a Lisboa.

Assim negavam ao povo a sua última homenagem a quem tão bem o representava e defendia. E ainda por cima a G.N.R. e a PSP lançam-se à pancada ao povo. Este corre, porém, a uns pedaços de tijolos que havia perto e resistiu valentemente à agressão agarrando os guardas e vingando mais o ódio sagrado que lhe ia na alma. Depois toda a gente se retirou e só a noite se soube que a nossa querida CATARINA EUFÊMIA estava desde esse dia não já à frente dos camponeses e camponesas a ajudá-los e apoiá-los mas, com o seu corpo frio debaixo da terra, no local onde residia—Quintos.

Nunca o povo de Baleizão sentiu uma dor tão funda como a causada pelo assassinio desta boa camponesa cuja abnegação e heroísmo serão sempre um exemplo para todos nós. Nunca o povo de Baleizão (e com certeza todo o nosso povo) esquecerá e perdoará ao fascismo este seu crime nem ao autor, o miserável criminoso tenente Carrajola.

(Resumo duma longa carta exposta os acontecimentos passados em Baleizão em Maio).

separata de "O Camponês" nº 46

SOS.

Em Junho de 1958, em Montemor-o-Novo, uma manifestação de assalariados agrícolas, exigindo melhores jornadas e protestando contra a burla das eleições presidenciais, foi metralhada pela G.N.R., sendo morto um trabalhador e vários outros feridos. A PIDE ainda prendeu 150 pessoas.

Mas, contra a repressão fascista, o povo soube responder com firmeza, por vezes arrancando os presos das próprias mãos da polícia, como aconteceu no Couço, em 23 de Junho de 1958: depois da prisão de 4 trabalhadores, 4 mil pessoas, homens, mulheres e crianças, cercaram o posto da G.N.R. e, aos gritos de "Viva a liberdade e a democracia" e de "Abaixo a tirania", exigiram a libertação imediata dos presos. O alferes que comandava uma força da G.N.R. vinda de Coruche, vendo que o povo estava disposto a assaltar o posto, ordenou que soltassem os presos. Aos gritos de "Vitória", com os quatro presos aos ombros, vivas à liberdade, abaixo aos assassinos da PIDE, foras a Salazar, todo o povo percorreu as ruas cantando.

Do mesmo modo, quando da greve dos 6 mil pescadores de Matozinhos em 1959 em que foram presos dezenas de grevistas, centenas de pessoas protestaram e dirigiram-se em multidão à Capitania do Porto, seguindo depois para a cidade do Porto, onde fizeram uma grande manifestação em frente da subdirectoria da PIDE, exigiram a libertação dos presos. Esta atitude firme dos pescadores fez com que a polícia libertasse imediatamente os seus camaradas presos.

Em Abril de 1960, 150 mineiros de Aljustrel, em protesto contra o despedimento de 12 camaradas e na continuação de uma luta por aumento de salários, puseram-se em greve, ocupando o fundo da mina, enquanto na vila, centenas de pessoas, mineiros acompanhados das mulheres e filhos de muito povo ocuparam o "sindicato" e aí permaneceram mais de 25 horas. No fundo da mina de Algaes, os 150 mineiros mantiveram-se cerca de 25 horas sem comer nem beber. Só a força das armas os fez sair, tendo sido 130 presos e levados para a cadeia de Cuxias.

Em Novembro de 1961, dão-se as grandes manifestações políticas em torno das "eleições de deputados". Pela sua combatividade, estas manifestações mostram que o povo português se prepara para travar grandes lutas. Assim, em 1962, dão-se as grandes manifestações políticas sem qualquer apoio "eleitoral", desafiando abertamente a legalidade, levantando as reivindicações

revolucionárias de Pão, Paz e Liberdade, entrando em choque com as forças armadas da repressão. E, em 1 de Janeiro de 1962, vemos a primeira acção armada do povo contra a ditadura: o ataque ao quartel de Beja que, embora comandado pelas forças da burguesia, mostrou que o povo estava disposto a ir às formas mais extremas da luta contra a ditadura salazarista.

## O impulso dado pelo movimento libertador das colónias à luta em Portugal

A combatividade das acções que se deram a partir de Novembro de 1961 indicou que a luta popular em Portugal entrava numa nova fase. Na verdade, a insurreição dos povos das colónias e o começo da guerra colonial tornou bem claro aos olhos do povo o carácter de defensor dos interesses da grande burguesia e de agressor do povo do regime salazarista. A insurreição dos povos das colónias obrigou a grande burguesia a transpor a última etapa do seu longo processo de opressão do povo, passando às formas mais extremas de guerra aberta, desencadeando por toda a parte o ódio, os crimes, a selvajaria numa escala nunca antes conhecida na nossa história.

Para o povo português, o aspecto essencial das lutas de libertação nacional que actualmente se desenvolvem nas colónias está em que elas não só facilitam extraordinariamente o derrubamento da ditadura fascista, mas golpeiam também de morte a grande burguesia, cujos interesses estão estreitamente ligados à colonização e, com isso, criam as melhores condições para a luta popular em Portugal.

Desde há 11 anos consecutivos, dezenas de milhares de operários e camponeses são lançados de armas na mão contra os povos africanos revoltados; os fascistas ensinam milhares de trabalhadores a manejar as armas, a matar e a morrer; o proletariado e as massas em Portugal, exasperados pela miséria e pelos sofrimentos da guerra que vieram coroar mais de 45 anos de opressão de fome, de violência e humilhações, radicalizam-se cada vez mais. A ditadura fascista arrancou de vez a sua máscara de poder pacífico, provoca o horror e a aversão do povo, está desencadeando uma vega

(Continua na pág. 5)



O assassinato de Catarina

José Dias Coelho

## CATARINA

Os teus olhos Catarina  
Queriam ver um mundo novo  
Foste morta na campina  
Lutando à frente do Povo.

Os teus braços Catarina  
Hão-de nos trazer um dia  
Aos campos e às oficinas  
A derrota da burguesia.

Os teus gritos Catarina  
Chamam à Libertação.  
Sua filha pequenina  
Caíram ambas no chão.

Nunca mais nos esquecerás  
Ó pirata mariola,  
Que às nossas mãos viras  
Ó tenente Carrajola.

És rato da burguesia  
Dás tudo pela riqueza  
Nós ver-te-emos um dia  
Julgado pela pobreza.

operário agrícola alentejano

## Militão Ribeiro



Pela sua firmeza na defesa dos interesses dos trabalhadores, a figura revolucionária que mais marcou o período do pós-guerra foi Militão Ribeiro, que morreu assassinado pela PIDE na penitenciária de Lisboa em 1949, depois de 9 meses de incomunicabilidade e torturas.

Militão Ribeiro nasceu em Março, em Trás-os-Montes. Aos 13 anos emigrou para o Brasil para trabalhar como maçano. Fugindo aos maus tratos que recebia no trabalho, foi acolhido por operários brasileiros e tornou-se tecelão numa fábrica têxtil de algodão que tinha mais de mil operários. Ai, como dirigente sindical, conuiu várias lutas. Mas a sua combatividade em breve provocou a sua expulsão para Portugal. Conseguindo desembarcar clandestinamente, seguiu para a sua terra, onde começou a fazer propaganda e a organizar lutas do campesinato. Preso, foi deportado para Angra do Heroísmo, donde seguiu para o campo de concentração do Tarrafal onde cumpriu 6 anos a mais do que a pena a que fora condenado. Sofreu novas prisões, uma nova deportação para o Tarrafal, onde esteve à morte, voltando sempre, após cada libertação, à luta activa.

Em 1949, Militão Ribeiro, contra outros dirigentes que punham o movimento a reboque da burguesia, defendeu intransigentemente a necessidade de elevar o movimento de massas a formas superiores; ele insistiu largamente sobre a necessidade de encontrar as formas, de dar voz activa aos trabalhadores na luta política, de voltar toda a actividade para a agitação e mobilização do povo:

"No momento actual, devemos esforçar-nos por levar o proletariado a compreender o seu papel para que este saiba impor a sua orientação na luta contra o salazarismo. Não devemos permitir que este posto de vanguarda, que por direito lhe pertence, passe para as mãos de outra classe ou partido, porque, em tal caso, o movimento anti-fascista deixará de ter uma orientação proletária revolucionária em benefício de todo o povo (...)

Militão Ribeiro, na vanguarda da luta contra o oportunismo infiltrado no movimento operário português, é um brilhante exemplo de firmeza na defesa dos interesses dos trabalhadores.

# OPERÁRIO MORTO NA RENAULT

No dia 25 de Fevereiro, às 15 horas, nas portas da Renault da rua Emile-Zola, em Paris, um tiro disparado por um guarda de fábrica atingiu mortalmente o jovem operário René Pierre Overney, de 23 anos de idade, pai de 2 filhos.

Este operário fazia parte de um grupo que distribuía panfletos, chamando os operários para uma manifestação anti-fascista e anti-racista que se realizava nessa tarde em Paris.

Um jovem operário que assistiu aos acontecimentos relatou o seguinte ao jornal "Le Monde":

"Eu estava perto de Overney e dos seus camaradas: uma vintena de jovens no máximo, que acabavam de passar ao lado dos guardas e avançavam em direcção dos "barbouses" (policías nao oficiais). Um destes homens à paisana saiu do grupo. Era um homem entroncado, de altura média, vestido com uma gabardina. Era um dos empregados administrativos do serviço de vigilância. Nesse momento, ele encontrava-se a 3 ou 4 metros de Overney e parecia bastante calmo. De repente, tira do bolso um revólver de grande calibre — creio que se tratava de um 9 milímetros — e, friamente faz fogo sobre Overney. Este cai estendido, com uma bala no tórax...

Depois da morte deste jovem operário houve muitas reacções tanto de partidos e organizações políticas como de organizações sindicais. Estas reacções podem dividir-se em dois campos. De um lado estão os que dizem que o incidente é consequência de uma provocação, desaprovando a acção dos militantes a que chamam "gauchistes" (esquerdistas) e outros que dizem que a morte de Pierre Overney é um acto fascista.

Damos, a seguir, um resumo dessas opiniões:

## Os que não se associaram ao funeral

"Minute": Quando se sabe que Pierre Overney era um dos sabotadores do grupo "Riposte", começa-se a compreender o alcance desta conjura contra a nação".

"Humanité": A lei dos vândalos — dos verdadeiros — passou ontem às 15 horas em Billancourt, à porta da Renault".

Qualificou os incidentes de "uma provocação contra o movimento operário e democrático na Renault"; disse que "A desordem (?) em Billancourt é uma provocação política, uma das mais sérias entre as que são fomentadas há vários anos, pela classe dominante e o seu governo".

"Le Figaro": Que jovem revolucionário, exterior à fábrica chegando, com efeito, a atacar outros trabalhadores — quer se trate de guardas ou de assalariados — sob o pretexto de atingir, por este meio miserável, a própria direcção é o que nos parece mais grave".

George Marchais: "Eu ponho a questão: Vamos começar de novo, como em 1968? Eu respondo: Não, isso não deve recomeçar".

M. de Montalais, redactor em chefe de "La Nation": "Pelo contrário, a C.G.T. não deixa de ter razão ao sublinhar que os franceses não têm nenhum desejo de tornar a ver os acontecimentos de Maio de 68".

C.G.T.: A direcção, o poder e os seus cúmplices maoístas têm inteira responsabilidade."

## Os que se associaram ao funeral

O panfleto que a seguir transcrevemos foi distribuído 6º feira, 17 de Março, em toda a França, por 13 organizações, entre as quais, "Causa do Povo", "Linha Vermelha", "Socorro Vermelho", P.S.U., etc.

Trabalhadores  
Os militantes revolucionários dirigem-se a vós:

Sexta feira, 25 de Fevereiro, um jovem operário foi assassinado na fábrica Renault, durante uma distribuição de panfletos.

(...)  
Este assassinato não foi um acidente. O assassino era o chefe da guardas das fábricas Renault. Toda a gente a partir de agora, sabe que existem milícias patronais nas fábricas. Frente à combatividade operária a burguesia tem medo. Ela equipa e arma grupos especializados: C.D.R. - S.A.C. - C.F.T. Quando isso não basta, ela utiliza os C.R.S. e a guarda para expulsar os trabalhadores das fábricas ocupadas — (Pennaroya, Girosteel).

(...)

NO COMBATE: UNIÃO

## O funeral

O enterro de Pierre Overney foi, como se diz atrás, organizado por mais de uma dezena de organizações, as quais condenavam energicamente a sua morte. O cortejo fúnebre desfilou desde a praça Clichy até ao cemitério Père Lachaise e juntou a sua volta, segundo o jornal "Le Monde", 120 mil pessoas.

Doze organizações realizaram uma confe-

rência de imprensa e distribuíram um comunicado à população de Paris. Na conferência de imprensa, um representante dessas organizações disse:

"O enterro de Pierre Overney será uma manifestação de homenagem a um operário caído sob as balas fascistas..."

## O inquirido d'«O Salto»

Damos aqui o relato de algumas declarações que conseguimos colher juntos dos operários da Renault.

Um operário francês: "É incrível. Tinham armas e ousaram utilizá-las!"

Um operário português: "O indivíduo que foi assassinado era exterior à fábrica, mas que diabo, não se mata assim como se cospe no chão!"

Um operário árabe: "Quando militantes dos sindicatos vão distribuir panfletos na Simca e, como já aconteceu, foram espancados pelos fascistas, todos estão de acordo em condenar a violência fascista. Mas este rapaz era maoísta, eis a diferença."

Um outro operário português: "Que seja maoísta, da C.G.T. ou da C.F.D.T. não importa; o que interessa é que a sua morte atinge toda a classe operária."

## Quem era Pierre Overney?

A maioria dos jornais diziam, no dia 26, que Pierre Overney era filho de burgueses, antigo aluno da Escola Central. Vejamos o que diz uma declaração dos pais da vítima:

"Nós somos uma família operária. Ele era operário agrícola, quer dizer, para os quais isto é mais duro. Por vezes caíamos em lugares onde a habitação era mais ou menos boa, o trabalho duro, o patrão mais ou menos mau. Quando Pierrot saía da escola, ele tirava a sua bata e ajudava-nos sem que lhe pedíssemos.

Deixou a escola aos 16 anos. Trabalhou numa fábrica ao pé de Chateauroux, em Erca, e depois veio para a Citroën. Ele foi sempre operário como nós, e quando os jornais dizem que é um filho de burgueses que saíra da Escola Central, isso é nojento."

1. - Pierre Overney trabalhou na Citroën e depois na Renault, sendo despedido no dia 23 de Junho de 1970. Empregou-se depois como motorista numa companhia de transportes.

# ENTREVISTA COM MARCELINO DOS SANTOS

(Continuação da p. 9)

de uma nova saída para o oceano Índico.

Ora, a insegurança que reina nesta região de Tete parece ter transformado os seus projectos "pacíficos".

A "Comorin", filial da célebre "Anglo-American", do multi-milionário sul-africano Harry Oppenheimer, fez as malas e retirou o pessoal da sua sede moçambicana, situada no centro mineiro de Moatise, a 20 Km de Tete. Um porta-voz da companhia declarou, em Joanesburgo, que a actividade da guerrilha não permitia a exploração dos jazigos de cobre e de carvão que lhes tinham sido concedidos pelo governo português.

Porque não haveria de estar optimista depois destas "confissões veladas" dos nossos inimigos?

A.B. Tem razão... Mas, quais são os vossos problemas?

M.S. Certamente que devemos, entretanto, enfrentar dificuldades enormes, mesmo sérios obstáculos. Por exemplo, na provincia de Niassa (120 mil Km<sup>2</sup>, 270 mil habitantes), situada no norte do país, é o sub-povoamento, e não a contra-ofensiva do exército colonialista português, que constitui o problema mais grave.

Veja bem que, por vezes, se pode caminhar durante 4 ou 5 semanas sem encontrar vivalma. Nesta região a implantação de bases de guerrilha revela-se, em consequência, bastante difícil.

Em contrepartida, na provincia de Cabo Delgado, a guerrilha reforçou-se consideravelmente devido às soluções adequadas para o problema de abastecimentos dos guerrilheiros em géneros alimentícios. Os bulldozers do general Arriaga destinados a "limpar" as nossas bases, quando da famosa ofensiva do "Nó Górdio", prestaram a guerrilha um serviço inestimável desbravando-lhe duas florestas.

A extensão das novas culturas, criadas após esta ofensiva, permite-nos, hoje, não somente alimentar a nossa guerrilha e as populações das regiões libertadas, mas ainda exportar substâncias excedentes.

Na provincia de Tete, a nossa situ-



## O GOVERNO TENTA...

(Continuação da p.3)

direcção democraticamente eleita, uma comissão administrativa composta de estudantes fascistas, vendidos ao governo.

Com o novo decreto para regulamentar as cooperativas, o governo fascista pretendeu pôr as cooperativas debaixo da mesma lei que as associações.

O decreto diz: "As sociedades cooperativas que se proponham exercer, ou efectivamente exerçam, actividades que não sejam exclusivamente económicas, de interesse para os seus associados, ficam sujeitas ao regime legal que regula o direito de associação". Deste modo, as cooperativas existentes terão que enviar, no prazo de 60 dias, os seus estatutos, para apreciação das autoridades fascistas.

Mais, ficando sob o regime de associação, as cooperativas ficam sujeitas a que o governo não dê o seu acordo às direcções democraticamente eleitas pelos associados, para realizar uma actividade qualquer (uma conferência, um debate, etc.) tem que haver autorização, e o governo fascista pode dissolver a cooperativa ou impor-lhe uma comissão administrativa, como o tem feito muitas vezes às associações de estudantes.

Como se vê, a burguesia tem cada vez mais medo que as massas trabalhadoras se organizem e combatam a ignorância, desenvolvendo a sua cultura. Por isso apareceu este decreto para reprimir as cooperativas.

Mas o certo é que nem leis, nem decretos podem travar as justas aspirações dos trabalhadores e intelectuais progressistas a organizarem-se para juntarem à sua volta as largas massas, combatendo intransigentemente a ignorância e a repressão!

ação é notável. O norte do Zambéze está praticamente libertado. As nossas tropas atacaram, com armas pesadas, os postos fortificados dos coloniais portugueses de Chicwe, Chintunkulo e Caprita... A nossa potência de fogo obrigou o inimigo a abandonar o posto-chave de Chipera.

Esperamos brevemente cortar todas as vias de acesso à barragem de Cabora-Bassa. Assim, estarão reunidas todas as condições que assegurem o sucesso do ataque directo da barragem.

A.B. Como explica o vosso sucesso espectacular em Tete?

M.S. As populações desta rica região sofreram uma colonização mais profunda que as das outras provincias do norte, hoje sob o nosso controle. Elas têm, portanto, um sentido mais duro sobre o que é a exploração e, assim, rapidamente se identificaram com as ideias defendidas pela Frente de Libertação de Moçambique. Eis porque pudemos mobilizá-las e empenhá-las na luta armada. Mas, os nossos sucessos não podem ser somente atribuídos à adesão das massas. Eles devem-se também à justeza da nossa linha política. Para mais, um número considerável de comerciantes e de pequenos colonos apreciaram a justeza da nossa causa e aceitaram colaborar com os nossos guerrilheiros.

A.B. Que métodos de guerrilha adoptaram na região do Tete?

M.S. Eles diferem dos que utilizamos noutras regiões. A topografia do terreno, a densidade da população adaptam-se melhor, aqui, uma guerrilha de pequenos grupos extremamente móveis que, graças ao apoio das populações locais, podem circular rapidamente, passar despercebidos e juntarem-se, na devida altura, para atacar o inimigo. Note-se que, uma meia hora depois do combate iniciado, os helicópteros chegam aos lugares de combate. Os nossos homens são, portanto, chamados a dispersar rapidamente e a fundirem-se na grande massa do povo.

in "Africásia", nº 60 21/2/72



# CAETANO NÃO É DIFERENTE DE SALAZAR

(Continuação da pág. 1)

agora nem se fala. Aqui na área, aumentaram os agentes e as prisões nos últimos tempos têm sido por demais.

Do que temos conhecimento, só nos meses de Julho, Agosto e Setembro últimos, a DGS efectuou, pelo menos, 40 prisões.

No dia 4 de Fevereiro, a Pátria de Segurança Pública, a GNR, a Judiciária, a DGS e uma brigada mista de exército, marinha e aviação fizeram uma gigantesca rusga e operações stop na cidade de Lisboa. Este acto é mais uma prova da natureza opressora do governo de Caetano.

Toda a polícia foi ou está a ser "reestruturada".

Saiu ultimamente um decreto para a reorganização da Judiciária. O decreto visa uma maior preparação cultural e técnica desta polícia. Para a Guarda Nacional Republicana, que é um dos grandes suportes da DGS na repressão às classes trabalhadoras nas vilas e aldeias de Portugal, um deputado disse na Assembleia Nacional: "Ninguém, pois, verá com maus olhos e pelo contrário, isso só será visto por bem, que para além de outras regalias, como o subsídio de casa, e mais à força seja dada força de provento, para que todos nós tenhamos o sossego por que se anseia, que ele é a força maior da nossa promoção económica e social".

O aparelho repressivo, comandado por Caetano, é reorganizado. As palavras do fascista Lopes Frazão, na Assembleia Nacional, são bem a prova. Com "a força seja dada a força de provento", ele quer dizer: dêmos mais dinheiro à G.N.R. para que ela reprima ainda mais as classes trabalhadoras. O decreto sobre a polícia Judiciária, que opera em estreita colaboração com a D.G.S., é diferente. Não se diz para pagar melhor, mas diz-se: preparem melhor os agentes, para que possam reprimir melhor.

Um dos órgãos que controla a repressão é o Conselho de Segurança Pública, de que fazem parte o comandante geral da G.N.R., o comandante geral da P.S.P. e o director da D.G.S. Este organismo reuniu nos últimos dias de Janeiro e resolveu "reforçar o sistema de vigilância nas áreas urbanas e suburbanas da cidade de Lisboa, respectivamente a cargo da G.N.R. e da P.S.P."

É de esperar, pois, que o número de rusgas e prisões aumente cada vez mais. A burguesia treme cada dia que passa, e Caetano, como bom servidor, lança sobre as classes trabalhadoras, como fazia o seu professor Salazar, as freguesias policiais.

Caetano não é diferente!

## Com Caetano ou Salazar a miséria é a mesma

Quando, nos anos 20, a grande indústria começa a despontar em Portugal, quando os grandes lavradores, senhores da terra, e grandes roceiros colonialistas começam a encher os seus cofres de escudos, os republicanos, que tinham corrido o rei, já não serviam os seus interesses. Eles precisavam de um governo forte, que não desse o mínimo de liberdade às classes trabalhadoras. Era preciso mudar o estado burguês liberal por uma ditadura terrorista que lhes permitisse oprimir ainda mais as classes trabalhadoras, para assim as poderem melhor explorar. O homem que estes industriais, grandes lavradores e roceiros colonialistas escolheram foi Salazar.

Depois de 1926, data da instauração do fascismo, a burguesia exploradora submeteu o povo português à miséria e ao obscurantismo. As classes trabalhadoras dos campos e das cidades são sujeitas à fome, ao analfabetismo, à ignorância, à doença, à guerra, ao trabalho de sol a sol e à repressão e exploração mais violentas.

Porque fomos nós obrigados a emigrar? Pelo "espírito de aventureiro", como dizem os fascistas?

Não! A política do Estado fascista da burguesia, com Salazar à cabeça e agora com Caetano, roubou-nos as terras através dos seus decretos-lei-se leis, explorou-nos até ao fim com salários de miséria, arrancou-nos os nossos filhos para morrerem numa guerra de pilhagem aos povos que lutam pela sua justa libertação, matou milhares de trabalhadores com a sua política de saúde e deitou-nos ao anal-

fabetismo e à ignorância.

Segundo as estatísticas de 1963 do próprio governo fascista, o operário português ganhava salários médios horários correspondentes à uma quinta parte dos salários do operário inglês, e uma sétima parte do operário sueco, o que, tendo em conta os problemas que levanta uma comparação destas, mostra bem como o trabalhador português é explorado, tanto pela burguesia nacional como pelos grandes capitalistas internacionais, que se aproveitam e investem em Portugal, onde encontram uma mão-de-obra baratíssima.

O "Diário de Lisboa", de 21/7/68, dizia: "O nível dos salários é apreciavelmente mais baixo que nos países industrializados da Europa Ocidental, o que constitui um atractivo importante para os investimentos estrangeiros."

O que fez Salazar e o que faz agora Caetano? Abrir a porta aos imperialistas. Os capitais estrangeiros afluem a Portugal, as fábricas que só produzem para exportação sucedem-se. Tudo isto à custa da classe operária portuguesa, que, cada dia, se debate com maiores dificuldades devido ao aumento constante do custo de vida. Que importa ao operário português ganhar agora mais que há uns anos atrás se ele tem de comprar a comida, o vestuário, o calçado a preços mais elevados? Nada, absolutamente nada. Se, em 1968, 1 quilo de bacalhau custava 19 \$ 00, hoje custa 40 \$ 00; se 1 quilo de carne de segunda custava 18 \$ 00, hoje custa 30 \$ 00. Vê-se bem que não foi para o bem da classe operária que Caetano foi para S. Bento.

Foi para bem dos camponeses? Também não.

Um trabalhador rural ganha hoje mais que há uns anos atrás, é verdade. Em 1962, um homem ganhava no campo a volta de 33 \$ 00 por dia e hoje ganha 75. Isto refere-se a distritos como Setúbal, pois nos distritos de Braga e Beja, os salários atingiam, em 1962, 24 \$ 00 por dia para um homem. Mas, embora se tenha registado este aumento, os salários continuam a um nível baixíssimo. É de notar ainda, que nos campos, a mulher, fazendo por vezes um trabalho igual ao do homem, tem uma jornada que corresponde a cerca de metade da do homem.

Na realidade, a situação nos campos ainda é mais grave, pois as estatísticas oficiais, donde foram tirados os números atrás referidos, escondem que o camponês não pode trabalhar todo o ano. Há estações do ano em que determinados trabalhos não se podem efectuar. É o caso, por exemplo, do Alentejo, onde só há muito trabalho durante as épocas das sementeiras e das colheitas.

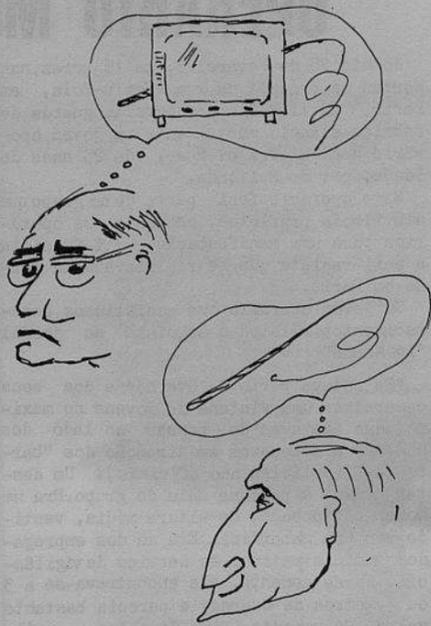
Terá vindo Caetano trazer alguma melhoria aos trabalhadores rurais? Claro que não. Ele está lá, como o seu antigo mestre, ao serviço das classes que possuem a terra e é em proveito deles que ele facilita os créditos para as máquinas agrícolas, cria comissões (e depois leis) para estudar a melhor maneira de expulsar das suas terras milhares de camponeses. A tão apregoadada mecanização da agricultura é uma necessidade do proprietário para produzir mais a preço mais baixo, lançando assim milhares de trabalhadores no desemprego, que terão de emigrar ou ir para as fábricas.

## Guerra colonial

Os povos que estão sob o jugo colonial português, e que, há 400 anos, são vítimas da exploração mais desenfreada por parte dos colonialistas portugueses e dos imperialistas estrangeiros, pegaram em armas para se libertarem desta opressão.

1961 marca o início do justo movimento de libertação e marca também o início da famigerada guerra colonial. Salazar toma o comando do exército colonial e lança sobre o povo português o peso da guerra opressora dum povo irmão.

A burguesia, para manter esta guerra, precisa de homens para o exército e precisa de dinheiro. Onde vai ela buscar tudo isto? Ao povo, às classes trabalhadoras. São do povo os jovens que vão para o exército, o dinheiro dos impostos. E, é contra o povo que se aumentam os encargos da "defesa". Assim, antes do início da guerra, o Estado fascista dispunha no sustento do seu aparelho repressivo, exército e polícia, 30% das despesas totais. Pois no ano de 1961, estas despesas aumentaram para 38% e têm vindo a aumentar constantemente, cifrando-se em 1968, segundo a Conta Geral do Estado, em 44,3%, ou seja,



11 163 milhares de contos.

Caetano vê-se cada dia mais perdido.

Os valorosos combatentes angolanos, moçambicanos, guineenses e cabo-verdeanos cada dia infligem mais derrotas ao exército colonialista e a juventude portuguesa recusa-se, cada vez mais, a servir no exército da burguesia (há hoje mais de 60 000 jovens que desertaram ou não foram a tropa).

É certo que os capitalistas nacionais e estrangeiros, como a exploração das riquezas naturais e da mão-de-obra, quase escrava, lhes faz aumentar o rendimento dos capitais investidos, querem, num esforço desperado, tirar das colónias o mais possível no mais curto espaço de tempo. Para isso, enviam a Caetano, através do seu aparelho militar, a N.A.T.O. material de guerra em grandes quantidades e fazem empréstimos na ordem dos milhares de contos, como é bem recente o caso dos Estados Unidos, que emprestaram ao governo fascista de Caetano 435 milhões de dólares.

Como ele próprio diz: a sua "preocupação imediata é assegurar a continuidade", e, como bom servidor diz: "a liberdade e a independência dos países da Europa Ocidental joga-se não só na Europa, como também em África".

Caetano continua, pois, a política de opressão e exploração dos povos das colónias, prosseguindo o que o seu antecessor tinha começado. Também aqui, nada mudou!

## O carácter do fascismo

O fascismo de ontem, como o alemão e o italiano de Mussolini do mesmo estilo, e ao qual Caetano diz que Salazar foi buscar o chamado "regime corporativo", foram os regimes mais amigos de Salazar.

De Caetano são também amigos os países imperialistas, como os Estados Unidos, que move uma política de pilhagem por todo o mundo e oprime os povos, como o do Vietname.

Caetano não é, pois, diferente!

No seu último discurso de 28 de Fevereiro, depois de ter afirmado a sua determinação de continuar a guerra colonial, a repressão e exploração desenfreada, disse:

"Ser desertor é um ferrete de ignomínia. E nos momentos de mobilização nacional não se deserta apenas ao fugir ao cumprimento dos deveres para com a Pátria nas Forças Armadas: a Pátria impõe deveres a todos os seus filhos, mesmo não militares. E na hora que passa, os deveres para com a Pátria são, mais do que nunca, indispensáveis; os deveres para com Portugal são sagrados por cujo cumprimento os portugueses de hoje responderão perante as gerações vindouras — perante o tribunal austero e implacável do Futuro!"

Esta parte ameaçadora é, pois, dirigida à maior parte de nós, que nos encontramos no estrangeiro.

Não Sr. Caetano, desertar de um exército que está ao serviço do capital e dos exploradores, que reprime os trabalhadores portugueses e oprime os nossos irmãos das colónias, não é nenhuma "ignomínia", antes pelo contrário, é um acto valoroso da juventude, é o espelho da repulsa do povo pela política de rapina dos patrões do Sr.

Por fim, Caetano acena com a bandeira do "tribunal do Futuro"... Os povos de todo o mundo nunca tiveram medo das ameaças dos carrascos como Caetano. A unidade da classe operária e do campesinato é invencível, e os dias da ditadura terrorista da burguesia estão contados, na justa luta pela PAZ, PÁO, TERRA, LIBERDADE e INDEPENDÊNCIA, por uma democracia popular. Será nessa altura que Caetano será julgado, não pelo "Tribunal do Futuro", mas sim pelo Tribunal Popular!

# O Salto

## o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados

(Continuação da pág. 1)

interessar os trabalhadores portugueses emigrados com os problemas sociais e culturais da sociedade portuguesa. Só fazendo assim estaremos, de facto a construir a União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados".

## O PAPEL D'«O SALTO»

"A ligação efectiva entre as Associações só se poderá criar, como se viu hoje, pelo trabalho de um jornal comum.

É função d' "O Salto" incentivar as actividades mais variadas, fazer o seu resumo e incitar-nos a progredir constantemente no sentido da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

O aparecimento de um novo clube não levará a trabalhar isolado, pois o movimento, através d' "O Salto", logo o englobará no esforço comum.

Compete ao jornal criar a ligação, efectiva e necessária, entre o movimento e os associados dos clubes, abrir-lhes horizontes novos, informando-os do que se passa na emigração, em Portugal e no mundo, o que os levará, o momento chegado, a compreender a necessidade da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Por todas estas razões, "O Salto" é o órgão coordenador do nosso Movimento, e ele compete organizar as actividades, comuns entre as associações e demais realizações do MTPE." (do Programa do MTPE)

Estas são as tarefas de enorme responsabilidade que o nosso jornal foi chamado a cumprir, pela 1ª Reunião Inter-Associativa da emigração portuguesa. A direcção de "O Salto", na sua reunião de Fevereiro, analisou a responsabilidade a que era chamado e prometeu pôr todos os seus esforços e sacrifícios na sua aplicação, para o que pede o apoio de todas as Associações, colaboradores, assinantes e leitores.

Esta decisão da 1ª RIA deve ser motivo de orgulho para nós e, este orgulho deve ser um incentivo a cumprir mais e melhor.

## POR «O SALTO» MENSAL

Para já, o MTPE necessita que "O Salto" saia todos os meses. Só assim, a simples tarefa de difundir o jornal começará a criar a ligação real e efectiva entre nós. Só assim poderemos combater eficazmente os bancos e consulados.

Eis pois, o nosso primeiro objectivo: — "O Salto" todos os meses.

Para o atingirmos é necessário um esforço redobrado da parte da direcção, das secções, das associações, dos assinantes e dos leitores.

É necessário que, num mês, se vendam os jornais que, até agora, se vendiam em dois meses.

Seremos nós capazes d'isso?

A direcção do jornal, na sua reunião de Março, considerou que as forças actuais do MTPE permitiam fazer sair "O Salto" todos os meses, desde que se unissem todos os esforços e não se desperdiçasse a mínima força. Com base nesta análise foi decidido fazer sair um jornal no mês de Abril e outro no mês de Maio. Assim, pela primeira vez desde a sua criação, em Novembro de 1970, "O Salto" sairá 2 meses seguidos.

Estes dois meses serão um teste ao nosso esforço e vontade. Caso sejamos capazes de cobrir as despesas nesses dois meses, "O Salto" passará a sair mensalmente e a lutar para, no futuro, ser quinzenal, e mais tarde semanal.

## QUE FAZER?

É preciso que as Associações tomem em mãos a tarefa de difundir e informar o jornal e que o façam mensalmente, dentro das datas estabelecidas.

É preciso que cada assinante faça, no espaço de 2 meses, 2 novos assinantes.

É preciso que cada leitor se faça assinante.

É preciso que a colecta para um "Salto" mensal se desenvolva.

É preciso que as vendas actuais se façam num mês. Enfim, é preciso que cada trabalhador, que cada intelectual progressista, consciente da necessidade dum jornal como "O Salto" diga:

"Não basta querer um jornal mensal, é preciso lutar por ele."

Se todos assim fizerem, ao fim de Maio diremos: "O Salto" mensal é uma realidade

NÃO AOS BANCOS  
NÃO AOS CONSULADOS  
VIVA O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES  
PORTUGUESES EMIGRADOS!

# guerra colonial

## CONSELHO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

Sob a pressão de países africanos que lutam pela conquista e salvaguarda da independência nacional e de países empenhados na luta contra o imperialismo sob todas as suas formas, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas foi obrigado a reunir na sua sessão de Janeiro-Fevereiro em Adis-Ababa, na Etiópia, para tratar muito particularmente dos problemas relativos à África.

Nesta sessão do Conselho de Segurança, os representantes dos países africanos, assim como o delegado permanente da República Popular da China no Conselho de Segurança da O.N.U., levantaram bem alto a sua voz para denunciar violentamente e condenar firmemente a política de discriminação racial, de exploração desenfreada e de repressão feróz à qual é submetido o povo africano, tanto pelo governo colonialista português em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, como pelos governos racistas das minorias brancas da Rodésia e da África do Sul.

Estas reuniões foram verdadeiramente uma tribuna onde os amigos dos povos oprimidos pelo imperialismo, pelo colonialismo ou pelo neo-colonialismo puderam fazer ouvir a sua voz. Cada um teve de pôr as cartas na mesa, e as manobras hipócritas dos governos imperialistas, que condenam em palavras o colonialismo, o racismo e estão prontos a tudo para enganar o povo e abafar a sua luta por todos os meios, foram postos à luz do dia. O facto de o Conselho de Segurança da O.N.U. ter sido incapaz de fazer aplicar as decisões que tinham sido tomadas para isolar os regimes da África do Sul e da Rodésia e o colonialismo português, foi também vigorosamente criticado.

Esta sessão de Adis-Ababa mostra, portanto, como a pressão das lutas anti-imperialistas é forte por toda a parte do mundo. Não admira, pois, que os representantes dos países imperialistas, como os Estados Unidos da América, estejam constangidos ao sentarem-se numa tribuna onde sabem que serão condenados.

Isto constitui um acontecimento de grande importância internacional, que mostra bem o grande valor das lutas efectuadas pelos povos da África para a sua independência e libertação. A colonização do continente africano foi uma página sangrenta e atroz da história da humanidade e nós devemos recordar-nos disso. Hoje podemos alegrar-nos porque os povos do mundo in-

(Continua na p.7)

(Continua na p.4)



## ENTREVISTA COM MARCELINO DOS SANTOS VICE-PRESIDENTE DA FRELIMO

### “esperamos brevemente isolar Cabora-Bassa”

Aquino de Bragança entrevistou o vice-presidente da FRELIMO, Marcelino dos Santos, sobre a situação da resistência e as perspectivas da luta de libertação.

A.B.-Pode descrever-nos, para começar, em algumas palavras, a situação na Frente de libertação de Moçambique?

M.S.-Desde a famosa operação "Nó Górdio", lançada contra nós pelas tropas blindadas e helitransportadas do exército português, em 1969, não cessámos de progredir. A ofensiva era dirigida nomeadamente contra as nossas bases de Cabo Delgado, os focos "Makondé" desta província, donde partiu a revolução.

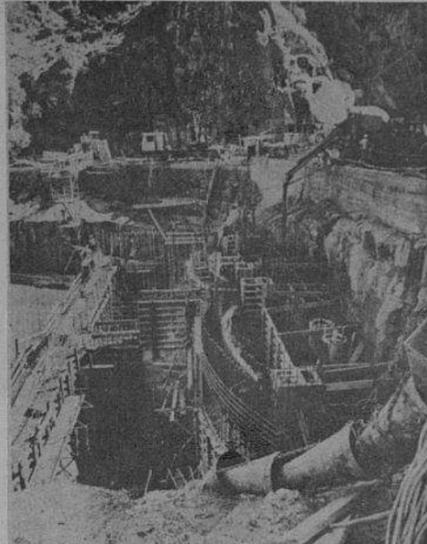
O comandante do corpo expedicionário, general Kaúlza de Arriaga, empregou 20 mil homens nesta batalha, tendo prometido, nesta ocasião, "esmagar a insurreição". No entanto, em vez de nos enfraquecer, esta prova reforçou-nos consideravelmente. Em vez de recuarmos, como esperava o exército colonialista português, de facto acentuámos claramente a nossa brecha para sul. A nossa guerrilha penetrou numa província do Sudeste de Moçambique atravessada pelo Zambéze, rio considerado pelos peritos portugueses e sul-africanos como uma fronteira intransponível!... Atingimos as fronteiras das províncias do centro, Manica e Sofala, que constituem o "ventre mole" do país. Mas nada poderá conter a progressão da guerrilha no conjunto do país!



"Nós somos a liberdade, camarada"

A.B.-Não estará a encarar a situação com demasiado optimismo?

M.S.-E porque não fazê-lo? Leu os comunicados de guerra portugueses, a imprensa rodésiana e sul-africana, que falam abundantemente desta guerra? Em Julho de 1971, o próprio alto-comando português admitiu que a FRELIMO tinha conseguido "infiltrar-se na população" e "praticado quinze tentativas para atravessar as defesas da célebre barragem de Cabora-Bassa!". Eis um feito de armas fora do comum quando se sabe que esta barragem gigante, situada em terreno descoberto, está envolvida por uma tripla linha de defesa, constituída por tropas portuguesas de escol.



Cabora-Bassa

A.B.-Como interpretar, então, as afirmações do general Kaúlza de Arriaga, publicadas recentemente por um semanário francês e, segundo as quais não haveria, após as últimas ofensivas, "nem frente, nem zonas libertadas em Moçambique"?

M.S.-O general fascista fala pelos cotovelos, mas engana-se redondamente se pensa ganhar a guerra por meio de uma acção psicológica sobre a opinião mundial, uma vez que o não pôde fazer no terreno. Os seus aliados rodésianos, mais "realistas", puseram

públicamente em questão as afirmações do comandante do exército colonialista português. Desconheceram que a província do Tete está praticamente isolada e é unicamente reabastecida por via aérea ou por meio de colunas militares solidamente protegidas pelo exército.

O editorialista do "Rhodesia Herald", que reflecte o ponto de vista da alta finança, revela que os veículos rodésianos foram, por várias vezes, destruídos por minas colocadas pelos nossos guerrilheiros. A única estrada que liga a Rodésia ao Malawi, através do território moçambicano, encontra-se sob o nosso controlo. "Esta estrada é pouca segura" diz, não sem razão o articulista rodésiano, pondo em guarda as autoridades contra o optimismo ingénuo do ocupante português.

O ponto de vista dos meios financeiros sul-africanos é praticamente o mesmo. A região do Tete é particularmente rica. Há aí importantes jazigos mineralíferos: ferro, cobre, carvão e enormes jazigos de magnetite titanífera (mais de 200 milhões de toneladas!). Vários grupos financeiros, ocidentais e sul-africanos, encaram a hipótese de empreender, em colaboração com o governo português, a exploração destes jazigos. Graças à energia eléctrica que será fornecida pela barragem de Cabora-Bassa, e à extensão da linha férrea ligando o porto moçambicano de Nacala a estas minas, esses grupos esperam dispor

OS POVOS DAS COLÓNIAS  
**VENCERÃO!**  
FEVEREIRO 1972  
Nº 1  
preço: 1\$

VIVA A GUERRA JUSTA  
DOS POVOS DAS COLÓNIAS

Operários, trabalhadores, soldados, estudantes,

O povo português está à 45 anos submetido à tirania fascista, privado dos mais elementares direitos políticos, vigiado e torturado pelos assassinos da pida, até mesmo as simples lutas por aumento de salário são brutalmente reprimidas e os elementos mais combativos lançados para a prisão. A besta fascista cai com uma ferocidade desesperada sobre os que procuram organizar as massas para acabar com o capitalismo, causa de todos os males, da miséria e do sofrimento do povo português. Apesar de todo um aparelho de Estado voltado para a repressão, dos milhares de contos gastos com a pida, a PSP, a GNR, a Legião, o Exército, a censura, os Tribunais, etc., o fascismo acabará irremediavelmente por ser liquidado pelas massas populares. A prova está nas gloriosas lutas que o povo português travou no passado contra o fascismo.

Mas a burguesia portuguesa não explora e oprime

somente o povo português. Ela explora ainda mais bárbara e sanguinariamente os povos das colónias, submetendo-os a uma autêntica escravatura, negando-lhes todo e qualquer direito. Nas colónias quem faz a lei é o colono à chicotada e a tiro. Os povos africanos estão sujeitos ao regime de "contrato" pelo qual a burguesia obriga os trabalhadores negros a servi-los durante anos por um salário de miséria, sem poderem escolher outro patrão, despedir-se ou reclamar maiores salários. Na realidade a burguesia colonial é uma autêntica senhora de escravos, pois no fim do "contrato" ainda é o trabalhador que deve dinheiro ao patrão, ficando eternamente à mercê deste. Este sistema dos contratos foi abolido por uma lei fascista em 1960 tal como também em Portugal a prostituição e a mendicância foram abolidas por lei. Na realidade este criminoso sistema de escravatura mantém-se nas colónias, camuflado numa forma ou doutra.

O jornal "O Salto" saúda o aparecimento em Portugal, do jornal "VENCERÃO!", órgão dos "Comités de Luta Anti-colonial e Anti-imperialista" (C.L.A.Cs.), jornal destinado a esclarecer, por todos os meios ao seu alcance, os trabalhadores e soldados acerca da verdadeira natureza da guerra colonial e mobilizá-los para a luta contra o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo.

Nesse número de "Vencerão" reproduzia o panfleto distribuído à população de Lisboa, assinado pelos C.L.A.Cs., apelando à manifestação do dia 19 de Fevereiro. Não sabemos como se desenrolou a manifestação pois, até ao envio do jornal para a tipografia, não recebemos nenhuma notícia a esse respeito. Publicamos também uma reprodução do jornal "VENCERÃO!", assim como um resumo do artigo nele publicado.

\*\*\*

Depois de dizer que as terras que os colonialistas têm em África foram roubadas aos habitantes das colónias, "VENCERÃO" prosegue:

"E é a estes crimes hediondos, a esta bárbara escravatura que os fascistas cinicamente chamam "missão civilizadora de Portugal em África".

"Como acreditar que o fascismo defende em África os trabalhadores negros, se em Portugal os trabalhadores vivem na maior miséria, amontoados em bairros de lata, sujeitos a salários de fome, obrigados a emigrar às centenas de milhares para não morrerem de fome?"

"Como acreditar que a burguesia defende em África o "mundo livre" quando em Portugal as prisões estão cheias de trabalhadores que lutaram pela liberdade, quando o "mundo livre" é o mundo da liberdade da burguesia explorar, é o mundo do imperialismo?"

E no fim "VENCERÃO" diz:

"Os CLACs levantarão bem alto a bandeira da luta anti-colonial e anti-imperialista e prestarão uma autêntica solidariedade às lutas de libertação dos povos das colónias, principal aliado do povo português na luta pelo derrubamento do fascismo.

Abaixo o colonialismo e o imperialismo!

Abaixo a Guerra Colonial!

Viva a guerra justa dos Povos das colónias!

Independência imediata e sem condições!

Retirada imediata do exército colonial!

Os Povos das colónias vencerão!

BDIC



# O QUE É A CHINA?

(Continuação da pág.2)

poneses pobres. Para garantir que isso se passasse segundo os seus planos, ele pediu a um certo número de capitalistas de Shanghai para virem participar na Reforma Agrária. Era evidente que essas pessoas eram aliados dos grandes proprietários, aos quais alguns estavam ligados por laços de família.

E como procederam esses senhores? Em Ma Qiao havia um grande proprietário que possuía várias dezenas de hectares de boa terra e que nunca tinha trabalhado na vida, pois sempre vivera das rendas que os camponeses pagavam. Pois bem, esses senhores disseram que esse grande proprietário era apenas um camponês. Claro que nós não estávamos de acordo e, finalmente, confiscámos-lhe as terras e distribuímo-las entre os camponeses pobres.

"Finalmente, ao todo, acabamos por descobrir, em toda a região, mais de 60 grandes proprietários que tinham sido dados como camponeses pelos amigos de Liu Chau-chi."

A Reforma Agrária não podia por si só resolver todos os problemas, pois, por um lado, como vimos, certos grandes proprietários conseguiram escapar, graças aos seus amigos e, por outro lado, vários camponeses viam-se obrigados a vender os seus pedaços de terra.

O camponês continua: "Como a Reforma Agrária não podia resolver todos os problemas, restava uma só via para os milhões de camponeses pobres da China: a via traçada pelo Presidente Mao, isto é, a via das cooperativas. E nós seguimos essa via, organizando-nos em cooperativas!"

O sistema de cooperativas espalhou-se a toda a China e, a partir daí, as condições de vida dos camponeses pobres melhoraram de dia para dia. Hoje, novas terras foram desbravadas e cultivadas. De há dez anos para cá, as colheitas têm sido sempre boas e as reservas de cereais aumentam de ano para ano. Os adubos podem ser adquiridos a bom preço, quando não são feitos na própria comuna. Todas as famílias camponesas dispõem dos artigos de consumo necessários. Em todas as aldeias há escolas e centros de higiene, com médicos e enfermeiras. Existem alojamentos para todos os camponeses.

Falando da mudança de condições de vida que se operou, uma velha camponesa, de uma outra comuna popular, disse:

"Eu casei-me com a idade de 15 anos, o meu marido tinha 17. Não tínhamos nada para comer. Tive de ir pedir pelas ruas. Trabalhei dia e noite para um rico proprietário de terras. O meu salário era um bocado de arroz. Durante os anos da fome nós comíamos ervas."

"Agora, desde que todos os camponeses são iguais, a vida é boa. Comemos com abundância, temos aquecimento, estamos bem vestidos. Aqueles que têm a minha idade, uma vez que chegam à reforma, a sua subsistência é assegurada pela Comuna. Já não temos mais problemas como antes da Libertação."

## A vida num bairro operário

O bairro operário de Pangpu, em Shanghai, foi construído a partir de 1959, num sítio onde existiam terrenos baldios. Em 6 meses foram construídos 56 prédios para habitação e hoje já conta 129.

São prédios de 4 andares, onde habitam as famílias dos operários que trabalham nas fábricas, agrupando um total de 16 mil pessoas.

As construções são simples e todos os alojamentos têm água, gás e electricidade e estão bem mobilados. Ainda há 20 anos, os operários chineses viviam em bairros de lata e cabanas de palha.

Para dirigir este bairro existe um Comité de Bairro, eleito pelos habitantes. O Comité organiza, em favor das famílias dos trabalhadores, as creches e jardins de infância, os serviços de entre-ajuda, o trabalho de limpeza, e controla o funcionamento das escolas primárias e secundárias, do dispensário e do centro comercial.

No bairro existe uma cantina, onde as pessoas podem vir tomar as suas refeições ou buscar pratos para comerem em casa. Como na maioria das cantinas de fábricas, há uma grande variedade de pratos: carne de porco, de vaca, galinha, ovos, peixe, legumes, etc., e os preços são módicos: uma boa refeição custa à volta de 2350.

As 3 mil mulheres que trabalham têm à sua disposição a creche e o jardim de infância para as crianças desde a idade dos 2 meses até à idade de irem para a escola primária. A creche e o Jardim funcionam tanto de dia como de noite.

Quando uma operária parte para o trabalho, ela deixa a chave no centro dos serviços e à sua volta encontra a limpeza feita, a roupa lavada e remendada e a casa arrumada e, tudo isto, por uma módica quantia de alguns centavos.

Os vizinhos de uma pessoa doente vêm arrumar-lhe a casa, fazer-lhe a comida e lavar a roupa. A entre-ajuda reina em todo o bairro. O mesmo se passa em toda a China.

Um centro comercial foi construído para pôr à disposição imediata dos habitantes os produtos indispensáveis à vida quotidiana e ao mesmo preço que no centro da cidade. Assim, existem armazéns de alimentação, de produtos industriais, de sapatos, de roupas, assim como correios, farmácias, etc.

Não existem varredores. A limpeza é feita colectivamente.

O bairro tem 2 escolas primárias com 4 mil alunos e 2 escolas secundárias com mil alunos. Além dos professores, os operários na reforma e outros trabalhadores vêm dar aulas e explicar como era a vida antes da Libertação.

Os 94 reformados que vivem no Bairro preocupam-se pela educação da nova geração. Eles dizem: "Os jovens de hoje nascem numa nova era; eles não conheceram o que era a exploração dos grandes proprietários e dos capitalistas. Os velhos devem ajudar a educá-los, evocando sempre a miséria do passado."

Mas a educação da nova geração não se faz só na escola. Em casa, os pais também se preocupam em educar as crianças nas ideias pelas quais eles lutaram.

A grande massa da população era explorada antes de 1949, e cada família tem as recordações directas e vivas dos sofrimentos do passado.

## O trabalho nas fábricas

A China, até à fundação da República Popular (1949), era um país onde dominava a exploração do homem pelo homem; quer dizer, havia de um lado os capitalistas e os grandes proprietários que exploravam a grande massa do povo e, do outro os trabalhadores que vendiam a sua força de trabalho.

Após a libertação todas as fábricas foram nacionalizadas e a administração e controle passaram a ser feitos directamente pelos operários das mesmas. Na maioria

dessas fábricas, os operários tomaram o poder e não precisaram dos patrões para continuarem o trabalho, deixando ao mesmo tempo de ser explorados por estes. No entanto, em algumas fábricas, passou a haver um director que decidia de tudo, pois a opinião de Liu Chau-chi era que deviam ser os directores e os técnicos que deviam decidir de tudo, porque, segundo ele, os operários eram incapazes de o fazer.

Para acabar com este estado de coisas operários desencadearam a Grande Revolução Cultural Proletária. Esta Revolução destinava-se a eliminar os directores, técnicos e outros quadros que pretendiam ter privilégios e que pensavam que os operários eram incapazes de resolver, por si sós, os problemas de uma fábrica e, destinava-se principalmente, a combater as ideias defendidas por Liu Chau-chi.

Após a Revolução Cultural, as fábricas deixaram de ser dirigidas por um director, para passarem a ser dirigidas por um Comité Revolucionário, nascido durante a mesma. Os comités revolucionários são formados por operários e quadros eleitos e por delegados da milícia, ou do exército popular.

Acabaram os patrões, acabaram os directores e chefes. Em cada secção e em cada fábrica, são sempre os operários que decidem tudo. Os operários e os técnicos ajudam-se mutuamente para realizarem novos projectos. Antes da Revolução Cultural, quando um operário fazia uma invenção ou descobria uma nova técnica que poderia melhorar o trabalho, havia sempre ou quase sempre um técnico para dizer que essa invenção não valia nada. Agora já não se passa o mesmo. Os operários põem em prática as suas invenções, de maneira a melhorar a produção. Eles inventam novas máquinas e constroem estradas, pontes, barragens, etc.

Um dos exemplos mais característicos do que acabamos de dizer é a grande ponte sobre o rio Yang Tsé-kiang, que tem vários quilómetros de comprimento. Esta ponte foi inteiramente concebida e realizada pelos operários chineses, ajudados por alguns técnicos. As pessoas do género de Liu Chau-chi diziam que era impossível construir essa ponte naquele sítio do rio. Os operários chineses demonstraram o contrário.

Liu Chau-chi dizia que, para aumentar a produção, deviam aumentar o ritmo de trabalho. Ele queria que aumentassem as cadências e que o operário só conhecesse a peça ou trabalho que fazia. Os operários mudaram completamente este sistema. As cadências diminuíram e o operário tem uma visão de conjunto do trabalho que está a fazer, fazendo-o, assim, com mais gosto. Após a revolução cultural, o trabalho passou a obedecer a uma regra diferente da de Liu Chau-chi: o trabalho deve atender à quantidade, mas também à qualidade. Outra coisa que mudou foi os horários de trabalho. Hoje os operários chineses trabalham 8 horas por dia.

Vimos como vivem os operários e camponeses da China, isto é, como vive o povo da China.

"O povo, e só o povo, é a força motriz da História".

Eis, pois, como é a China de hoje.

(1). Liu Chau-chi foi representante da República Popular da China até à Revolução Cultural. Durante a Revolução Cultural, ele foi criticado pelos trabalhadores chineses que o eliminaram, devido a ele querer restaurar o capitalismo na China e continuar com a exploração.

# PORQUÊ MAO ACEITOU RECEBER NIXON?

(Continuação da pág.2)

## O imperialismo americano foi obrigado a negociar

A luta dos países socialistas e progressistas e a luta de todos os povos, nações e países oprimidos obrigou o imperialismo americano a recuar por toda a parte.

Nixon foi à China não como um vencedor, mas sim como um vencido. Em momentos como este, é justo negociar com um inimigo que foi posto em posição de fraqueza e que esta preste a fazer concessões, mesmo quando se trata do pior dos inimigos dos povos, se a negociação não se acompanha de nenhum abandono de princípio, de nenhum compromisso.

O imperialismo não mudou de natureza. Ao ver-se aculado e atacado por toda a parte o imperialismo foi obrigado a mudar de tática, a modificar a sua posição e aceitar a coexistência pacífica definida pelos países socialistas.

Ainda no dia 10 de Fevereiro passado, Nixon, numa mensagem ao Congresso Americano, dizia que os Estados Unidos conservarão a sua amizade, os laços diplomáticos e as responsabilidades na defesa de Taiwan (Formosa) e do seu velho amigo Chang Kai-chec.

No comunicado final, assinado em Changhai no dia 28 de Fevereiro por Chou En-lai e por Nixon, além da aceitação dos princípios da coexistência pacífica pelas duas partes, a parte americana declara:

"Os Estados Unidos reconhecem que todos os chineses, de cada lado do estreito de Taiwan (Formosa), sustentam que há apenas uma única China e que Taiwan (Formosa) é uma parte da China. O Governo dos Estados Unidos não contesta esta posição."

"Ela (a parte americana) reafirma o seu interesse em ver a questão de Taiwan solucionada, de maneira pacífica, pelos próprios chineses. Nesta optica, afirma que o seu objectivo final é a retirada de todas as forças e instalações militares americanas de Taiwan."

O imperialismo americano foi obrigado a aceitar a coexistência pacífica! Esta é a razão pela qual a China aceitou receber Nixon.

## Polémica

(Continuação da pag.2)

ditadura terrorista burguesa, que mete milhares de trabalhadores em campos de concentração, isto é, uma "democracia" como aquela que existe em Portugal. A Índia reprime brutalmente o seu próprio povo. Será possível que um tal país vá libertar um povo vizinho? Será possível imaginar um só segundo que se o governo de Caetano ou Salazar mandasse invadir a Espanha seriamente a libertar o povo espanhol?

Mais adiante o nosso leitor fala-nos da "ajuda desinteressada da Índia ao Bengala-Desh, que é, actualmente, uma nação livre e independente". Será isto verdade?

Ainda há bem pouco tempo, o jornal francês "Le Monde" publicava informações recebidas directamente de Dacca, capital do Paquistão Oriental, onde se dizia que o organismo encarregado pelo "governo do Bengala-Desh" de comercializar a juta do Bengala descobriu que a mesma fora comprada por 330 milhões de francos, por intermediários indianos e paga em moeda local, moeda esta que, na situação actual, não tem valor nenhum.

Antes de mais, queria fazer notar que a juta é a principal base da economia do Paquistão Oriental.

O seguimento das informações dizia que a State Trading Corporation, organismo de Estado da Índia vendeu depois, a juta por mais de 400 milhões de francos, em particular à Inglaterra. Esta venda foi efectuada numa moeda forte estrangeira. Por outro lado, é do conhecimento público que o Paquistão Oriental não possui, no momento actual, um único centavo em moeda forte estrangeira.

A Índia continua a proclamar ao mundo que fornecerá toda a ajuda possível ao "Bengala-Desh". O mesmo nos afirma o nosso leitor. Mas qual é a realidade? A realidade é que, como acabamos de ver, a Índia não se não ajuda o Paquistão Oriental como, pelo contrário, o explora. E isto são os próprios agentes da Índia que o confessam.

Até aqui, os trabalhadores do Paquistão Oriental eram oprimidos e explorados pela burguesia do seu país. Agora, passaram a ser explorados pela burguesia da Índia.

E ainda há quem tenha o descaramento de chamar a isto "libertação"!

## O que é a Taça?

A Taça da União é um torneio a realizar todos os anos e organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, no qual podem participar todas as equipas de futebol de clubes e associações de trabalhadores portugueses existentes nos países de emigração portuguesa, disputando campeonatos oficiais ou não.

A partir de 1973 a final desta Taça, disputar-se-á aquando dos Jogos Florais Portugueses. Os primeiros Jogos Florais terão lugar em Paris em Abril de 1973.



### Equipa de Puteaux

Entrevista com um dos elementos responsáveis da equipa.

S.- O que achas do prémio para a equipa que demonstre melhor espírito desportivo?

R.- O prémio que será entregue à equipa que tenha mostrado durante todo o torneio o melhor espírito desportivo é a conclusão mais correcta de um torneio realizado segundo os critérios que devem presidir as actividades desportivas e outras, entre trabalhadores.

Quero eu dizer que o desporto é para nós uma actividade sã - que é - que deve ser, antes de mais, de confraternização, de espírito voluntário e de amizade.



### Equipa de Villeneuve-la-Garenne

Um dos antigos elementos desta equipa diz-nos as suas impressões.

"No meu tempo a nossa equipa era constituída na sua maioria por trabalhadores portugueses. Agora acontece o mesmo. Isto é além dos jogadores portugueses existem dois jugoslavos e um francês que jogam regularmente connosco, o que nos tem permitido estreitar os laços de solidariedade entre diferentes povos.

Sobre a Taça da União, penso que é uma etapa muito importante para chegarmos à União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, pois vai permitir-nos estreitar os laços existentes com os Trabalhadores Portugueses de toda a Europa".



### Equipa de Troyes

Entrevista com um jogador da equipa.

S.- Que pensa da Taça da União?

R.- Acho que o torneio da Taça da União será uma oportunidade para que os portugueses dos vários países da Europa estreitem os laços de amizade e compreendam que as equipas participantes fazem tudo sem o auxílio de individualidades portuguesas e francesas. Elas apenas contam com o apoio dos trabalhadores portugueses emigrados e com a sua força de vontade. A final deste torneio será feita em Troyes e nesta cidade os portugueses de l'Aube esperam os seus camaradas de toda a parte da Europa. Damos vivas à União Recreativa "Os Lusitanos de Troyes", damos vivas à União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados. Tenhamos confiança no futuro!

S.- Qual tem sido o comportamento da vossa equipa nos últimos tempos?

R.- A nossa equipa está a jogar na 4ª divisão, teve até este momento só dois empates e esta a um passo de passar à 3ª divisão. "Os Lusitanos de Troyes" são a única equipa portuguesa a disputar o campeonato na nossa região; ela é composta essencialmente por rapazes novos. Devemos felicitá-los pelo seu desportivismo. Aproveito também para agradecer todos os trabalhadores portugueses da região que têm acompanhado a nossa equipa nas suas deslocações.



### Equipa do Luxemburgo

Um jogador da equipa disse-nos:

"A taça da UNIÃO representa um grande passo na nossa UNIÃO e contribui para estreitar os laços de amizade entre todos nós".



### PRÉMIOS

A equipa vencedora do Torneio receberá a "Taça da União". Haverá também um troféu para a equipa que tiver tido melhor comportamento e maior espírito de desportivismo durante todo o torneio, que se chama "União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados".

A principal finalidade desta taça: desenvolver o espírito de amizade e de desportivismo entre todas as equipas participantes e estreitar os laços de solidariedade entre os clubes e associações.

### INSCRIÇÕES

Todas as equipas portuguesas, disputando campeonatos oficiais ou não, desejando inscrever-se na "Taça da União" devem escrever para MTPE, 56 rue de La Fontaine-au-Roi, Paris XI.

Várias equipas estão já inscritas para este torneio, divididas por zonas. Assim, haverá uma zona em Paris, uma em Troyes, uma em Burges, uma na Alemanha, uma no Luxemburgo. Várias outras equipas estão interessadas neste torneio e para o qual já entraram em contacto com o nosso jornal.

### A FINAL

Nos próximos dias 20, 21 e 22 de Maio, vão ter lugar em Troyes os quartos de final, as meias finais e a final da "Taça da União" assim como a grande festa inter-associativa d' "O Salto".

### ÚLTIMA HORA

## Semana de Portugal na Holanda

De 20 a 24 de Março decorreu em Amsterdam a "Semana de Portugal - Acção Para o Asilo Político", organizada pela Associação "Resistência e Trabalho" e com a colaboração de várias organizações progressistas holandesas.

Esta acção tinha por fim reclamar ao governo holandês que os jovens portugueses chegados à Holanda, por se terem recusado a servir no exército colonial, por terem desertado ou por que eram perseguidos, fossem considerados como refugiados políticos.

Foram variadas as actividades desta semana, das quais salientamos:

- Filme e discussão sobre a Guerra Colonial,

- Poesia e canções,

- Um debate sobre a situação dos refugiados.

O ponto alto desta semana foi atingido com um comício realizado no dia 23, com a presença da imprensa, rádio, televisão, vários partidos políticos, o nosso jornal e muita assistência. Nesta reunião foi aprovada uma declaração que no dia 24 foi entregue no parlamento holandês por uma delegação de refugiados portugueses.

No próximo número do Salto, daremos uma informação mais completa e detalhada deste grande acontecimento foi a Semana de Portugal, na Holanda

**SUPLEMENTO DESPORTIVO**

**n.º «O Salto» de Maio e Junho**





# O GRUPO DE TEATRO « JOSÉ GREGÓRIO »

## « O que faço eu aqui ? »

### O significado de um nome

José Gregório é o nome de um heróico dirigente operário que dedicou toda sua vida à causa dos trabalhadores. Aos 8 anos começou a trabalhar como operário vidreiro. Apenas com 14 anos participou na organização da greve dos jovens operários da Companhia Industrial Portuguesa, na greve da fábrica de Roldões que se prolongou durante 9 meses, e em muitas outras lutas.

Aos 18 anos José Gregório participou na reorganização da Associação dos Garrafeiros e em 1931 foi eleito presidente do Sindicato Nacional da Indústria do Vidro. Foi ele quem, em 18 de Janeiro de 1934, dirigiu a ocupação de Marinha Grande.

Dar o nome de José Gregório ao nosso grupo de teatro não é só render homenagem ao combatente incansável do nosso povo mas também tomar uma posição em relação ao teatro.

### O nosso teatro

Queremos fazer um teatro que mostre que o exemplo de José Gregório não foi esquecido, que mostre que os jovens trabalhadores estão decididos a lutar como ele lutou. Um teatro onde os operários e os camponeses são os únicos heróis, onde as suas qualidades são exaltadas. Um teatro que aponta e defende a luta que o povo português deve travar contra a burguesia, pela sua libertação de toda a opressão e miséria.

Nós não queremos fazer um teatro de meias tintas, como fazem tantos grupos de teatro que se dizem "progressistas", seja em Portugal seja no estrangeiro, um teatro ao serviço de grandes senhores feito por pequenos senhores, onde o povo, quando aparece, é desprezado, mostrado como um bando de carneiros, sem saber o que quer e para onde vai. Nós não queremos fazer um teatro que, quando nos mostra um herói do povo, o apresenta preocupado com problemas pessoais, egoísta e mesquinho, planando acima das lutas dos trabalhadores.

Na nossa sociedade sociedade não existem indivíduos, nem literatura, nem arte acima das classes. Um teatro ou é burguês ou é popular, não existe o sábio meio termo dos intelectuais burgueses.

Na arte teatral proletária, os personagens, operários, camponeses ou intelectuais progressistas são heróis populares, representando os interesses da sua classe.

José Gregório foi um intransigente lutador contra o oportunismo.

Nós seremos como foi José Gregório: implacáveis na nossa luta contra o pacifismo e todo o oportunismo para construirmos um teatro verdadeiramente popular.

### a nossa primeira peça

Desde que começou a guerra nas colónias, não têm deixado de fugir de Portugal jovens que não querem servir de carne para canhão, que não querem ir lutar contra os povos das colónias, os quais se revoltaram e lutam pela sua liberdade.

Hoje somos dezenas de milhares de desertores e refractários espalhados por toda a Europa. Começamos agora a ser alvos duma onda de repressão da parte do governo português que faz acordos com os governos dos países onde estamos, para tentar obrigar-nos a voltar para Portugal, ao mesmo tempo que quer, assim impedir a emigração clandestina de milhares de jovens que fogem por ano.

Hoje, mais do que nunca, devemos estar unidos, devemos fazer compreender a todos os jovens que estão espalhados pela Europa o erro que cometem ao ir para a tropa ao serviço dos ricos da nossa terra, lutar contra os povos irmãos das colónias.

É por isso que a nossa primeira peça nos relata a história de um desertor português que dá a sua vida ao serviço do povo da Guiné!

É por isso que a nossa primeira peça se chama "Solidariedade".

É por isso que tu te deves juntar a nós e connosco contribuíres para a construção duma cultura que sirva os nossos interesses!

Escreve para:  
Teatro "José Gregório"

56, rue de la Fontaine-au Roi  
Paris XI

Junto ao muro da "Quinta da Vista Alegre", algures na Guiné, encontram-se dois combatentes da P.A.I.G.C. (Penda e Yuaque).

Yuaque - (em voz baixa)-A reunião para preparar o ataque a Pirada é hoje às sete horas, na cubata desta quinta. É só saltar o muro. Os trabalhadores da quinta estão connosco.

Os combatentes saem. Entram 3 soldados colonialistas.

Joaquim - Temos de montar guarda aqui. O Antunes informou-nos que hoje eles vão ter uma reunião importante. Disse-nos para seguirmos esta tipa. (mostra uma foto)

José - (para si) Eu aqui a perseguir uma trabalhadora que luta para libertar o seu povo da opressão! Eu, que participei em tantas lutas! Nas manifestações de 1961/

cai.

José (como que acordando) - Camarada!

José corre para Penda.

José - Camarada!

Penda - Camarada!

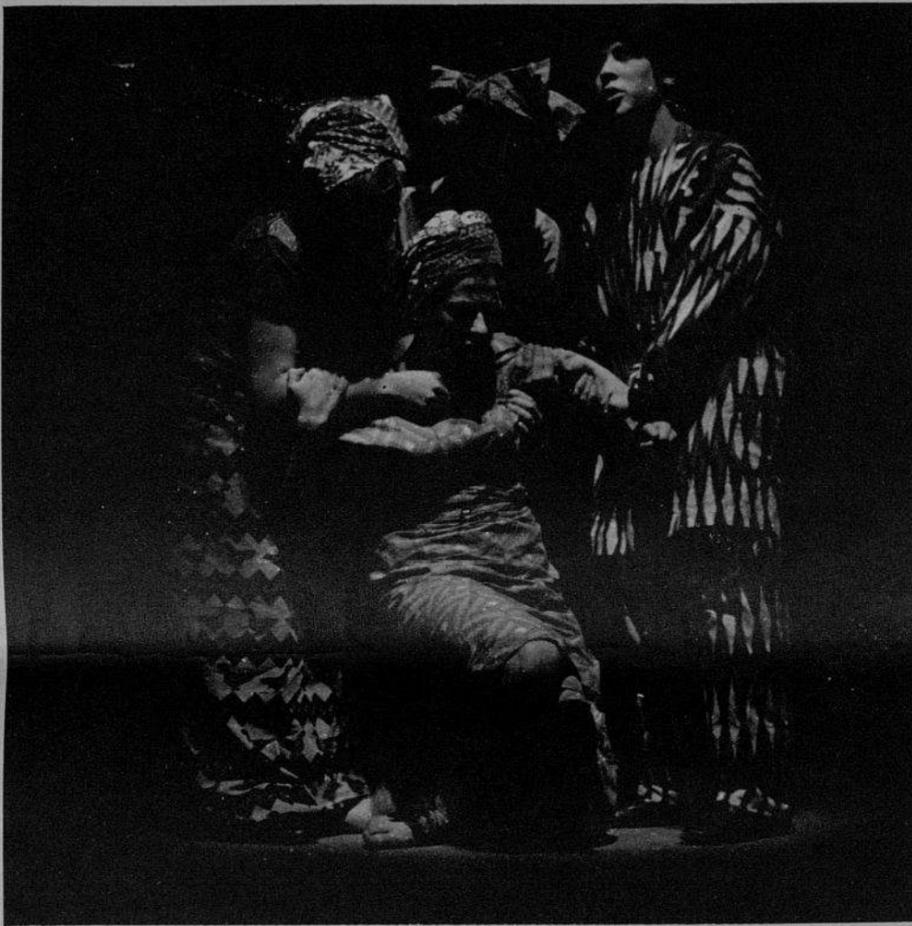
José - Camarada!

Penda - Camarada português!

José - O teu heroísmo, a tua dedicação ao povo, eis o que me faltou e me levou a seguir os que me enganavam. O teu exemplo mostrou-me qual é o meu dever. Vou desertar e levar-te aos teus camaradas.

Penda aperta a mão de José. Desmaia José mete-a às costas e desaparece na mata.

(cena 3 da peça "Solidariedade")



Uma cena da peça "Solidariedade", pelo grupo de teatro "José Gregório"

62, na greve da Carris, em Lisboa. Eu, militante operário, que faço aqui?! Mas eles diziam que a melhor maneira de lutar contra a guerra colonial era vir para África! Aquilo não me parecia muito certo... Como pude chegar ao ponto de matar camaradas africanos, que lutam contra os que são também meus inimigos?!

Joaquim - Vamos para mais perto do caminho.

José anda devagar e pensa.

José (pensando) - O Machado bem me dizia para desertar antes de embarcar. Ele agora está em França e eu aqui.

Joaquim - Então, José, avanças ou não avanças? Os terroristas devem estara chegar.

José anda cada vez mais devagar e pensa.

José (pensando) - Os trabalhadores de Portugal devem unir-se aos seus irmãos de África.

Francisco - Vamos dar cabo da preta!

José (pensando) - A nossa divisa é "Proletários de todos os países, povos e nações oprimidas, uni-vos!" (em voz alta): Então, o que faço eu aqui?

Joaquim - Então que fazes aí?

José - Sim, que faço eu aqui?

Nesta altura ouvem-se passos. Entra Penda com um saco na mão. Os dois soldados correm para ela. José fica parado. Penda fica encostada ao muro.

Francisco - Ó lindinha, vais dizer-nos onde estão os outros!

Penda tira uma granada do saco. Lança-a. Ao mesmo tempo, os soldados disparam. Penda leva a mão ao peito. Os soldados, Joaquim e Francisco caem mortos pela explosão.

Penda - A nossa vitória é certa! O nosso povo, se continuar na justa linha da luta armada, alcançará a vitória! Todos os monstros serão destruídos!

Mal tinha acabado de dizer isto, Penda

## CONHECE os clubes de trabalhadores

### FRANÇA

IVRY

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

25, Rue Cristophe Colomb  
metro: Pierre Curie

TROYES

União Recreativa "Os Lusitanos"

39, Rue de Freize  
10 Troyes

PUTEAUX

Associação "Encontro Português"

20, Rue du Centenaire

NANTES

Associação dos Trabalhadores Portugueses de Nantes

9, Rue des Hautes Pavés

BURGÉS

Clube Português do Cher

5, Rue de La Thaumassière

### HOLANDA

Associação "Resistência e Trabalho"

Brink 1 A - Amsterdam

### ALEMANHA

Centro Português de Neuss

404 Neuss -8-  
Postfach 923

## O SALTO

56, Rue de la Fontaine-au-Roi

PARIS-XI

Metro-Goncourt

### HORAS DE ABERTURA

2 feira 16h. - 22h.30m

4 feira 20h. - 22h.30m

6 feira 20h. - 22h.30m

Sabado 16h. - 20h.

SECÇÃO SOCIAL  
VENDAS  
REDACÇÃO  
SECRETARIA

## OS jogos florais

Durante a 1ª Reunião Inter-Associativa, realizada em Paris nos dias 5 e 6 de Fevereiro, foi aprovada a realização dos Jogos Florais, a efectuar em Abril de 1973, em Paris.

Os Jogos Florais, como nos indica a resolução desta reunião, serão a grande manifestação da unidade, da cultura e do desporto dos trabalhadores portugueses emigrados e estarão abertos a todos os portugueses residentes em Portugal ou no estrangeiro.

Os Jogos Florais vão ter lugar em Abril do próximo ano, mas se lhes damos publicidade desde já, é porque sabemos que não se pode escrever uma peça de teatro, criar e ensaiar um grupo de folclore, criar e ensaiar um coro, etc., num ou dois meses. Começa desde já a preparar a tua participação ou a do teu grupo. Só assim é que os jogos florais serão a verdadeira manifestação da unidade, da cultura e do desporto dos trabalhadores, com a qualidade artística e desportiva que todos nós queremos que tenha o nosso desporto e a nossa arte.

Para todas as informações, escreve para o MTPE - "O Salto" - 56 rue de la Fontaine-au-Roi, Paris XI, ou dirige-te pessoalmente à mesma direcção, nos dias de permanência.

## concurso do cartaz REGULAMENTO

1.- Com vistas a anunciar e dar o máximo de publicidade aos I Jogos Florais Portugueses, é editado um cartaz, para o que abre um concurso.

2.- O cartaz deverá conter o texto seguinte:

- I Jogos Florais Portugueses  
- 21, 22 e 23 de Abril de 1973  
- Paris

- desporto, ranchos folclóricos, coros, cantores, tocadores, poesia, conto, romance, ensaio, peças de teatro, teatro, declamação, fotografia, cinema

- abertos aos portugueses residentes em Portugal e no estrangeiro  
- organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.  
- informações: "O Salto" - B.P. 95 Paris 11

3.- O cartaz deverá conter um símbolo dos Jogos, que leve a identificar facilmente toda a propaganda que, a partir desse cartaz, se faça.

4.- Os projectos devem ser apresentados no formato 44 x 30 cm, podendo recorrer a duas cores além do preto.

5.- Todos os projectos devem dar entrada até ao dia 15 de Maio de 1972.

6.- Será atribuído o prémio "União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados" ao cartaz que melhor representar o espírito dos Jogos Florais e que, ao mesmo tempo, associe a isso o maior nível artístico e propagandístico.

7.- O júri será nomeado pela Comissão Executiva dos I Jogos Florais eleita pela 1ª Reunião Inter-Associativa.